



João Paulo Medeiros da Costa

**Juventude(s) Universitária(s) Católica(s): as diferentes atuações dos estudantes católicos organizados na PUC-Rio e na UNE durante o governo João Goulart (1961-1964)**

Monografia Apresentada à Graduação em  
História da PUC-Rio como Requisito Parcial  
para Obtenção dos Títulos de Licenciatura  
e Bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Villela Pamplona

Departamento de História  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
Novembro de 2024

*“Mariama, Nossa Senhora, Mãe de Cristo e Mãe dos homens  
Mariama, Mãe dos homens de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos da  
terra*

*Pede a teu filho que esta festa não termine aqui*

*A marcha final vai ser linda de viver*

*Mas é importante, Mariama, que a Igreja de teu filho não fique em palavras, não fique  
em aplausos*

*O importante é que a CNBB, a Conferência dos Bispos, embarque de cheio na causa  
dos negros*

*Como entrou de cheio na Pastoral da Terra e na Pastoral dos Índios*

*Não basta pedir perdão pelos erros de ontem, é preciso acertar o passo hoje sem ligar  
ao que disserem*

*Claro que dirão, Mariama, que é política, que é subversão, que é comunismo*

*É Evangelho de Cristo, Mariama.”*

*(Dom Hélder Câmara. Missa dos Quilombos)*

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, ao meu núcleo familiar, que sempre me acolheu com amor e carinho, além de me possibilitar toda a estrutura possível para que eu pudesse tomar as minhas decisões ao longo de todo esse período da minha segunda graduação. Tenho plena consciência de que absolutamente nada do que eu fiz ou alcancei foi por conta de um mérito individual. Devo praticamente tudo aos que vieram antes de mim e, com luta, mas também com amor, pavimentaram o meu caminho, no qual pude caminhar tranquilo e amparado.

Agradeço à minha namorada, a pessoa que mais me atura, dentre todas as que convivo, e que aceita minhas maluquices com um sorriso. Eu te amo.

Agradeço a toda a minha extensa lista de amizades, com um afincado especial, é claro, as que fiz durante a trajetória no curso de História na PUC-Rio e com as quais pude passar por todo o trajeto até a formatura de forma leve e agradável.

Agradeço a quem se juntou comigo nas pequenas grandes batalhas do movimento estudantil. Por mais que neste último ano eu não tenha tido tempo para doar à organização discente, anteriormente, construímos muitas atividades legais juntos. Com destaque para o exaustivo processo de campanha para derrotar o retrocesso fascistóide em 2022 e eleger um governo que garanta as condições democráticas mínimas para a nossa sobrevivência.

Agradeço a todos os profissionais, portanto, os professores, mas não só, que cruzaram o meu caminho durante a minha formação em História. Com certeza foram fundamentais para o meu crescimento intelectual e para a ampliação da minha visão crítica de mundo.

Dentre esses, o agradecimento mais especial vai para toda a equipe do Núcleo de Memória da PUC-Rio, com a qual passei a maior parte da graduação aprendendo muitíssimo, além de ter a melhor orientação possível para este trabalho. No Núcleo de Memória encontrei um lar e uma ampliação da Universidade, que ensina não só diversos conteúdos e ocupações, mas também tolerância, paciência, zelo e respeito. Dentro do ambiente acadêmico, com certeza, trata-se do local mais carinhoso e caloroso, humano afinal, com o qual tive contato. O agradecimento se estende, também, não posso deixar de dizer, a todos que compartilharam comigo, no Núcleo, a condição de bolsistas e com os quais construí uma relação de amizade e cumplicidade durante as reuniões e durante as sagas do PIBIC.

Agradeço a toda a equipe da Província dos Jesuítas do Brasil, em Botafogo, que me recebeu tão bem, sempre com um sorriso e com total disponibilidade por várias e várias sextas-feiras. Graças a eles, pude desenvolver o meu trabalho e sentir um pouquinho do gosto do que é ser um historiador, realmente.

Por fim, gostaria de dizer que se, mesmo com toda essa ajuda, este trabalho ainda tropeça e não alcança todos os seus objetivos, aí sim, a culpa é exclusivamente minha. No entanto, devo afirmar que a intenção é sempre melhorar e o que ficou em aberto aqui, pode ser uma ponte para um trabalho mais competente e aprofundado no futuro. Não havendo um caminho pré-definido, como nos ensina o poeta, o importante é seguir caminhando.

**Resumo**

O presente trabalho, intitulado Juventude(s) Universitária(s) Católica(s): as diferentes atuações dos estudantes católicos organizados na PUC-Rio e na UNE durante o governo João Goulart (1961-1964), pretende compreender como se deu o processo de formação, no movimento estudantil, de uma aliança entre católicos e comunistas dirigindo a principal entidade discente do país, a União Nacional dos Estudantes. Além disso, visa estudar algumas de suas estratégias e atividades, principalmente artísticas, mas sem deixar de atentar-se para as respostas e para as reações dentro do próprio movimento estudantil e da Igreja, aqui sempre compreendidos como plurais e de interesses diversificados. As ramificações e os embates tornam-se, por conseguinte, alguns dos principais pontos a serem analisados, pois permitem maior evidência dessas contradições conflituosas.

**Palavras-chave**

Movimento estudantil; União Nacional dos Estudantes; Igreja Católica; comunistas; Juventude Universitária Católica; PUC-Rio.

**Sumário**

<b>1 – Introdução</b>	<b>7</b>
<b>2 - A Ação Católica e a tentativa de ampliar a influência da Igreja no Brasil</b>	<b>8</b>
<b>3 - A política estudantil no Brasil do início dos anos 1960: análise sobre o país, a UNE e a PUC-Rio</b>	<b>20</b>
<b>4 - Divisões na JUC e a criação da AP no início dos anos 1960</b>	<b>39</b>
<b>5 - Hipóteses acerca das questões ideológicas que se expressam nas produções artísticas da UNE-Volante em conjunto com o CPC</b>	<b>43</b>
<b>6 – Conclusão</b>	<b>50</b>
<b>7 - Referências Bibliográficas</b>	<b>52</b>

## 1 - Introdução

O que levou uma série de jovens, nos anos 1960, em sua maioria de boa condição financeira, a deixar suas casas e viajar o país dedicando-se a construir um projeto de Brasil radicalmente diferente? Muitos deles, possuindo ambições artísticas, começaram a apontar suas câmeras e microfones e, por conseguinte, seus olhos e ouvidos, para regiões interioranas, bem diferentes do ambiente urbano de onde provinham. Tudo isso com um sincero interesse em entender aquela realidade de muita pobreza e alterá-la a partir de um engajamento político pretensamente capaz de agir nas consciências, mobilizando-as para a luta política organizada.

O cinema foi uma ferramenta escolhida como valiosa para executar esses projetos, por um entendimento dele enquanto um meio fundamental de comunicação de massas e de construção de identidade. Aliado a isso, no período, houve uma série de novidades técnicas que facilitou o transporte e o manuseio dos aparatos demandados pelo fazer cinematográfico, como câmeras e captadores de som portáteis. Todavia, outras formas de arte também receberam especial atenção, como o teatro, a música e a poesia, por exemplo.

Retornando ao cinema, este foi o caso, por exemplo, da equipe de *Cabra Marcado para Morrer* (1984)<sup>1</sup>, que começou a filmar em 1964, na Galileia, interior de Pernambuco, uma trama que representaria a vida de João Pedro Teixeira, militante camponês ligado à Liga Camponesa de Sapé, interior da Paraíba, que havia sido assassinado em 1962 por ordem de latifundiários.

Na busca de responder à pergunta inicial, será necessário fazer um balanço da conjuntura na qual esses jovens estavam inseridos, não só do Brasil de forma mais geral, mas também das universidades, já que muitos deles eram universitários e estavam engajados na União Nacional dos Estudantes (UNE) ou em outras organizações estudantis. O recorte temporal deste trabalho é o período do governo de João Goulart (1961-1964), embora, em alguns momentos, seja necessário retornar um pouco para compor a narrativa dos acontecimentos aqui tratados. Há um foco na PUC-Rio. Nesses anos, saíram desta Universidade importantes dirigentes estudantis, ademais, ela é um palco privilegiado para o estudo da edificação da Ação Popular (AP), a partir de integrantes de esquerda da Juventude Universitária Católica (JUC), que foi uma das mais

---

<sup>1</sup> CABRA marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Mapa Filmes do Brasil. Rio de Janeiro: Gaumont, 1984.

significativas forças do movimento estudantil daquele momento, estabelecendo-se na presidência da UNE, apoiada, também, pela juventude do Partido Comunista Brasileiro (PCB), conhecido, na época, como Partidão. Mas não só, pois lá também surge o Movimento Solidarista Universitário (MSU), a partir de discordâncias com as crescentes posições políticas à esquerda entre os setores ligados às juventudes católicas e discordâncias com os movimentos adeptos da extrema direita, como o Movimento Anticomunista (MAC).

Conseqüentemente, nesta pesquisa há um esforço de se atentar à pluralidade do movimento estudantil dentro da PUC-Rio. Essa diversidade estava presente tanto entre as diferentes frações de esquerda, quanto num confronto mais óbvio com a direita, que aparecia na Universidade com força, conseguindo, inclusive, espaço na imprensa para publicizar suas posições e sendo competitiva nas eleições estudantis.

Por fim, para a edificação deste trabalho será necessário conhecer essas organizações citadas nas linhas acima. Para tal, a pesquisa contará com o apoio de fontes jornalísticas da época, entrevistas com pessoas que viveram e participaram dos eventos aqui aludidos, fontes documentais buscadas no arquivo da Reitoria da PUC-Rio, no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio e no arquivo da Província dos Jesuítas do Brasil, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, além da consulta a bibliografia acadêmica e/ou biográfica sobre o período e os personagens históricos em questão.

## **2 - A Ação Católica e a tentativa de ampliar a influência da Igreja no Brasil**

Na interpretação da própria Igreja Católica, havia, no início do século XX, principalmente após a I Guerra Mundial e a Revolução Russa, um processo de descristianização da sociedade, decorrência do aumento da urbanização em boa parte do globo e do avanço de ideias materialistas, sejam as alinhadas ao liberalismo, sejam as socialistas, ainda mais temidas enquanto inimigas da Igreja e propulsoras do ateísmo.

Isso teria levado o Papa Pio XI, cujo pontificado foi de 1922 até sua morte em 1939, a impulsionar a criação da Ação Católica (AC). Ela seria responsável por organizar os cristãos leigos e orientá-los na atuação individual, familiar e social, justamente para auxiliar na tarefa recristianizar um mundo que estava em franco processo de mudança. A AC, então, ampliou-se para atuar nas mais diversas áreas, a partir da capacidade de seus membros. Ela impactou na política, na literatura, nas ciências, nas artes etc. Luiz Alberto

Gomez de Souza recorre à Gramsci para fazer um panorama da conjuntura na qual a AC surge.

Gramsci estudou com muito interesse a Igreja Católica na Itália e começou a preparar um projeto de estudo para conhecer melhor a estrutura e a orientação da Ação Católica, que acabava de ser criada por Pio XI. Para ele “a Ação Católica representa a reação contra a apostasia de importantes segmentos de massas, isto é, contra a superação da concepção religiosa do mundo. Não é mais a Igreja quem fixa o terreno e os meios de luta, pelo contrário, é ela quem deve aceitar o terreno imposto pelos adversários ou pela indiferença, e servir-se de armas emprestadas ao arsenal desses adversários”. Ele pensava a partir da organização da Ação Católica italiana, que se deixava influenciar em sua criação tanto pelas amplas organizações de massa da esquerda quanto, principalmente, pelo exemplo da mobilização paramilitar do fascismo. Para ele, “justamente a impulsão sempre maior dada à Ação Católica demonstra que a Igreja perde terreno, ainda que, ao retirar-se, aconteça se concentrar, opor uma grande resistência e pareça ser relativamente mais poderosa”.<sup>2</sup>

No Brasil, um dos principais artífices da idealização e da atuação da AC foi Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, Arcebispo do Rio de Janeiro. Importante dizer, para esta pesquisa, que ele foi um dos fundadores da PUC-Rio em 1941, junto do padre jesuíta Leonel Franca S.J. . O plano era que a universidade cumprisse um papel fundamental na edificação de um pensamento social católico influente na direção nacional. Na costura dos acordos para inaugurar a PUC-Rio, inicialmente chamada de Faculdades Católicas, foi necessário um trânsito corrente dessas figuras com importantes personagens da elite brasileira<sup>3</sup>. Getúlio Vargas, por exemplo, foi fundamental para que as Faculdades Católicas fossem reconhecidas como Universidade e para a aquisição dos terrenos do campus da Gávea, onde a PUC-Rio se estabeleceu em 1955 e se encontra até hoje. Inicialmente, ela funcionava no Colégio Santo Inácio, no bairro de Botafogo. Vargas cedeu, para a PUC-Rio, propriedades no centro da cidade, próximas ao aeroporto Santos Dumont, a universidade as vendeu e, com o dinheiro, adquiriu os terrenos na Zona Sul da cidade.

Vale ressaltar que Dom Leme buscava, a partir da AC, orientar uma mudança na sociedade e na Igreja de cima para baixo. Ou seja, aproximar-se das classes dirigentes e, em alguma medida, da classe média urbana. Todavia, por estarmos nos referindo, aqui, à

---

<sup>2</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 40

<sup>3</sup> Ver livro *Leonel Franca: entre Anchieta e Vieiras*, publicado pela Fundação Padre Leonel Franca em parceria com a Editora PUC-Rio.

década de 1940, percebemos, então, um movimento de distanciamento maior da Igreja dos setores tradicionais e agrários para colocar-se no centro da vida urbana. A Igreja Católica tratava de adaptar-se e de ampliar sua influência na nova configuração social brasileira que se inaugurava a partir de 1930, claro está que, nesta conjuntura, a edificação de uma universidade relevante é fundamental.

(...) D. Leme era mais sensível (...) a uma renovação de *cima para baixo*, a partir das elites. Com ele, e com a Ação Católica, começou o processo de modernização da Igreja brasileira, que se acelerou depois de 1930, na tentativa de aproximá-la da nova classe dirigente, a burguesia - o que consegue ainda mais facilmente com a aliada principal desta última, a classe média urbana. Neste contexto podemos situar pois a Ação Católica, que se opunha então aos setores da Igreja ainda ligados à estrutura de um Brasil tradicional que se extinguiu.<sup>4</sup>

Vale afirmar que a Ação Católica é uma das estratégias de tentativa da retomada de influência política da Igreja no Estado brasileiro, dirigida, principalmente, para a organização dos leigos. Mas não era a única, outros agrupamentos ligados ao catolicismo buscavam auxiliar nessa mesma tarefa, entretanto, diferente de outros países latino-americanos, como no Chile, por exemplo, barrou-se a ideia da criação de um partido político da Igreja que disputasse diretamente as eleições, havendo católicos organizados ou influenciando indiretamente vários partidos políticos de diversas orientações ideológicas, mas defendendo valores cristãos.

Com o início do “pacto populista” de 1930 há um esforço, por parte de D. Leme, no sentido de aprofundar o diálogo entre o Estado, a sociedade política e a Igreja institucional, como poder religioso. A ideia do Cardeal do Rio é de introduzir novamente a Igreja na arena política, da qual ficara relativamente marginalizada com a proclamação da República e a separação entre a Igreja e o Estado. Isso seria possível não através de um partido social-cristão, como em outros países, mas com uma Igreja no papel de interlocutor privilegiado, isto é, através da Hierarquia eclesiástica. A vigilância sobre os partidos políticos se daria pela mediação da Liga Eleitoral Católica (LEC), criada para pronunciar-se sobre os candidatos nos momentos de eleições e que teria por presidente o próprio Amoroso Lima.

(...)Em 1934, a Igreja-instituição, através do LEC, exerce sua influência nas eleições da Assembleia Constituinte, dando apoio aos candidatos que adotavam

---

<sup>4</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. op.cit. p. 93.

suas reivindicações (indissolubilidade matrimonial, ensino religioso facultativo nas escolas públicas, capelães militares nas Forças Armadas, etc.).<sup>5</sup>

Sobre a AC, breves resumos sobre sua formação podem ser encontrados em revistas do IPJ (Instituto Pastoral de Juventude)<sup>6</sup>. Há uma edição cujo nome é História da PJ no Brasil, na qual é possível ter uma ideia mais clara do processo mencionado anteriormente. Nesse número da revista lemos que a partir de 1935,

estabelecem-se quatro setores, masculinos e femininos separadamente: a Juventude Católica Brasileira (JCB), os Homens da Ação Católica (HAC), a Liga Feminina Católica (LFC), a Juventude Feminina Católica (JFC). Esses setores, agrupados e regidos por um estatuto aprovado em 9 de julho de 1935, na festa de Pentecostes, constituem a Ação Católica Brasileira (ACB).<sup>7</sup>

Percebe-se, a partir daí, uma tendência à criação de grupos especializados dentro da Ação Católica. Num primeiro momento, há apenas a divisão entre os sexos masculino e feminino, mas na década de 1950 haverá novos braços ligados às classes trabalhadoras e aos estudantes com um grande foco na juventude. Nesse contexto novo, foi criada a organização já citada anteriormente neste trabalho, a JUC (Juventude Universitária Católica), mas não só. Nasceram também a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Independente Católica (JIC) e a Juventude Operária Católica (JOC).

Assim, fica claro que a Ação Católica, já nos anos 1950, estava organizada na direção de atingir seu objetivo de recuperar a influência da religião em diversos setores sociais, para além dos contatos com as figuras de poder das elites brasileiras, exemplificados pela descrição do processo de criação da PUC-Rio. Este movimento chamou-se de Ação Católica Especializada (ACE).

Tal aumento de capilaridade da Igreja em diversos setores no Brasil vem acompanhado de um pensamento que passa a valorizar sua ação concreta no mundo, ampliando uma compreensão do papel do catolicismo para além da salvação das almas no pós-morte. A vida, o presente, ganha foco, até mesmo para que se estenda a possibilidade de combate às ideologias vistas como excessivamente materialistas ou ateístas, como o comunismo. Num contexto de Guerra Fria, a preocupação com o avanço do comunismo, estigmatizado como inimigo das religiões, alinhou, naturalmente, a Igreja

---

<sup>5</sup> *Ibid*, p.60.

<sup>6</sup> PIERDONÁ, Enedina; FURLANETO, Isoleide; SOUZA, João Oliveira. Subsídios 2: pastoral da juventude: História da PJ no Brasil. Porto Alegre: IRJ - Instituto de Pastoral de Juventude, 1990

<sup>7</sup> *ibid*. p. 14

Católica com as potências capitalistas. Todavia, como veremos mais para frente, esse processo não se deu tão linearmente assim. Influenciados pela sociedade que se mobilizava e se polarizava nas décadas de 1950 e 1960, muitas pessoas ligadas ao catolicismo optaram por uma filiação a ideias à esquerda do espectro político sem abandonar suas convicções religiosas, gerando um ambiente de disputas entre visões de mundo e interpretações do Evangelho diferentes e contraditórias.

A encíclica<sup>8</sup> *Mater et Magistra*, do Papa João XXIII, publicada em 1961, acaba por evidenciar essa contradição interna do catolicismo. Justamente por tratar da questão social à luz da doutrina cristã, ela abre margem para interpretações questionadoras do sistema capitalista como gerador de miséria e de pobreza como resultado da acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria. A JUC envolveu-se em polêmicas com a Comissão Episcopal por utilizar-se da encíclica papal para justificar uma atuação ligada a movimentos sociais e partidos políticos de esquerda. Veremos mais tarde que esse choque foi determinante para a criação da Ação Popular.

Mas não foi apenas o Papa, houve também autores católicos europeus que se destacaram como os mais influentes na tentativa de congregar a interpretação cristã de mundo com a atuação no meio social, abrindo mão de uma concepção de salvação apenas espiritual e buscando interferir politicamente.

Os grupos (da ACE) se organizam nas escolas secundárias, nas universidades, nas fábricas e no campo. A ligação com a Igreja se faz através de uma Coordenação Nacional. Recebem a influência muito forte das ideias do Cônego Joseph Cardijn e do filósofo Jacques Maritain. Cardijn trabalha com os jovens operários de Bruxelas, na Bélgica. Desenvolve o método VER-JULGAR-AGIR. É o método usado na preparação de líderes, através do processo de formação na ação. Introduce a prática da Revisão da Vida e da Revisão da Prática. Os jovens analisam suas atitudes diante dos acontecimentos da vida e avaliam a ação que cada um desenvolve no seu meio social. Jacques Maritain desce ao terreno concreto das realidades humanas, envolvendo-se em questões de ordem social e política.<sup>9</sup>

Luiz Alberto Gomez de Souza considera Jacques Maritain o principal teórico cristão a construir, num primeiro momento, um elo entre as reflexões teológicas e ideias de corte mais liberal, orientadas num sentido de valorizar a democracia, os direitos

---

<sup>8</sup> As encíclicas papais são comunicações escritas feitas pelo Papa que informam toda a hierarquia e os fiéis sobre as diretrizes da Igreja, auxiliando os católicos a compreenderem e a agirem no mundo de acordo com as percepções oficiais da Igreja sobre ele.

<sup>9</sup> *ibid.* p. 22

humanos e uma certa concepção de liberdade. Desse modo, vemos que apesar de um esforço da AC, no momento de sua criação, de funcionar como um instrumento católico de retomada da influência religiosa nas elites políticas e econômicas do Brasil, ela já, desde o início, principalmente entre os jovens, contou com uma certa propensão a tratar de temáticas sociais, mesmo que se mantendo no prisma cristão. Todavia, já é possível observar uma tendência de abertura para a participação nos conflitos políticos brasileiros que poderá influenciar novas formulações para os problemas sociais que poderão não ir de encontro às concepções defendidas pelos altos postos da hierarquia católica.

Toda a renovação da primeira AC - o movimento litúrgico, a ação com o meio intelectual -, é um esforço para tornar a Igreja atuante no bloco histórico e junto à nova classe dirigente, a burguesia industrial e financeira e suas aliadas, as classes médias. Os estudantes terão também um lugar muito particular, nesse esforço de reconquistar as elites para o cristianismo.

(...)Não obstante a antiga tradição das escolas da Igreja de educar os futuros “homens de influência”, o pensamento católico delas nem sempre acompanhava a nova problemática. Foi a reflexão filosófica de Jacques Maritain e sua abertura às liberdades, à democracia e aos “direitos humanos” que constituíram a ponte entre uma reflexão cristã e a sensibilidade liberal dos novos tempos. (SOUZA, p. 62)\* FALTA A NOTA PP

Vem também de Maritain uma das principais ideias que nortearam a atuação da JUC a partir do final dos anos 1950 e início da década seguinte, o chamado *Ideal Histórico*. O Ideal Histórico, desenvolvido por Maritain e abraçado pelos jucistas, consiste numa essência realizável. Ou seja, parte-se de uma análise da realidade, buscam-se maneiras de chegar ao mais alto grau de perfectibilidade através de uma ação pautada na reflexão anterior, uma espécie de práxis. Há Ideal Histórico no plano religioso, na busca constante por realizar as aspirações do evangelho e da catequese, mas também há Ideal Histórico no plano da vida concreta, na economia e na política, num sentido de melhorar, através de uma concepção humanista, o máximo possível da vida das pessoas, utilizando as ferramentas que a realidade oferece. Desse modo, a crítica ao capitalismo, que reduz o ser humano à sua força de trabalho e, por conseguinte, à condição de mercadoria, se torna um empenho de superação desse modo de produção por outro mais humanizado. Abrem-se, então, perspectivas para o trabalho em conjunto com outras formas de militância que também se pautam no anticapitalismo.

Lívia Ribeiro Barbosa de Araújo Braga utiliza José Luiz Sigrist para conceitualizar o Ideal Histórico.

Que entendemos por Ideal Histórico Concreto? É uma imagem prospectiva que significa o tipo particular, o tipo específico de civilização ao qual tende certa era histórica (...). O que chamamos de Ideal Histórico Concreto não é um ser de razão, porém uma essência ideal realizável (mais ou menos dificilmente, mais ou menos imperfeitamente, é outro caso, e não como obra feita, mas como obra que se está fazendo), uma essência capaz de existência e chamado a existência para um dado clima histórico, correspondendo por consequência ao máximo relativo (...) de perfeição social e política, e apresentando somente (...) as linhas de força e os esboços ulteriormente determináveis de uma realidade futura. (...) Corresponde a uma filosofia realista que compreende que o espírito humano pressupõe as coisas e trabalha sobre elas, mas só as conhece quando as apreende para transferi-las em sua própria vida e atividade imaterial e as transcende para tirar delas sejam naturezas inteligíveis, objetivos de conhecimento especulativo, sejam temas inelegíveis práticos e diretivos da ação, a categoria dos quais pertence o que chamamos de um Ideal Histórico Concreto.<sup>10</sup>

Complementando, Braga também utiliza a análise de Sigrist acerca do Boletim Nacional da JUC, documento publicado após um conselho da organização, realizado em 1959, no qual o plano de ação para a militância jucista, apoiando-se na concepção de Ideal Histórico que eles construíram, fica mais claro.

O ideal histórico para o Brasil tem três componentes igualmente importantes: o religioso, o econômico e o político. No plano religioso ele deverá centrar-se num "esforço de catequese" em diferentes níveis: desde o ensino primário até o nível superior de cultura. Num "esforço de encarnação das exigências evangélicas na vida pública através da atuação profissional, política, cultural". Na vida litúrgica, pela oração litúrgica, frequência aos sacramentos etc. No incentivo às vocações sacerdotais, pela educação familiar e escolar, entre outras coisas, num ideal de heroísmo. No plano econômico se deverá fazer "opção pelo desenvolvimento e pela superação do capitalismo, valorizando o trabalho humano que no presente se reduz à simples mercadoria" e fazendo do direito de propriedade um efetivo instrumento de personalização para todos os brasileiros". No plano político se deverá participar na vida política nacional, visando "partidos voltados para a concretização de ideais coletivos legítimos, realmente vinculados a interesses das classes menos favorecidas, da coletividade enquanto ideal de justiça distributiva e segundo o plano de ação e métodos democráticos". "Uma estrutura política democrática pluralista fundamentada na

---

<sup>10</sup> SIGRIST *apud* BRAGA, Livia Ribeiro Barboza de Araújo. A juventude universitária católica e a ditadura civil-militar brasileira: dos "ventos de abertura" aos "atos de fechamento" (1964-1968). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021. p. 90.

consciência na participação e decisão dos diversos grupos sociais. A elaboração de uma ideologia essencialmente anti-capitalista".<sup>11</sup>

Já quando se trata de Cardijn, Lúcia Lippi, pesquisadora do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil) e professora emérita da Fundação Getúlio Vargas conta que nos tempos em que estava na JEC, antes de entrar na PUC-Rio e, por conseguinte, filiar-se à JUC, já era iniciada no método VER-JULGAR-AGIR. Segundo ela, em entrevista para o próprio CPDOC<sup>12</sup>, o método era uma espécie de etnografia e era difundido por todas as organizações de juventude católica, determinando o modo de atuação dos seus participantes.

A abertura para a atuação desses jovens em organizações de cunho social que buscam lidar com problemas concretos acaba por permitir uma influência de teorias sociais externas à Igreja Católica, o que vai resultar em problemas com a hierarquia.

Reorganizada em 1950 segundo o modelo francês, a ACB, principalmente através de setores da juventude, sentiu-se na obrigação de atuar em condições inéditas e particularíssimas. Essas condições se definiam principalmente pela correlação positiva entre: a) os conflitos sociais provocados pelas contradições decorrentes do subdesenvolvimento e da exploração imperialista do Brasil; b) o início da mobilização das classes sociais interessadas na resolução desses conflitos; e c) a presença e o envolvimento de setores da ACB nas lutas sociais naquelas classes e frações de classes nas quais estava presente.<sup>13</sup>

É aí que ideias socialistas e trabalhistas, além de uma interpretação marxista do modo de produção capitalista vai começar a ganhar força em uma boa parcela dessa juventude organizada gerando, por conseguinte, conflitos notáveis. Ao mesmo tempo, os chamados católicos de esquerda também ganham proeminência não só no movimento estudantil, mas também na política institucional. Essa influência é vista até os dias de hoje e inspirou mudanças organizativas e nas formas de atuação dos partidos de esquerda e dos movimentos sociais brasileiros.

Assim sendo, fica claro que a Ação Católica estava organizada na direção de atingir seu objetivo de recuperar a influência da religião em diversos setores sociais, ramificando-se em várias organizações setorializadas, mas mantendo-se no interior da

---

<sup>11</sup> SIGRIST *apud* BRAGA, Lúcia Ribeiro Barboza de Araújo. A juventude universitária católica e a ditadura civil-militar brasileira: dos "ventos de abertura" aos "atos de fechamento" (1964-1968). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021. p. 91.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. Lúcia Maria Lippi Oliveira II (depoimento, 2009 / 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (8h 20min).

<sup>13</sup> SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1979. p. 36

hierarquia da Igreja e, portanto, respondendo às suas decisões. Este movimento é chamado de Ação Católica Especializada (ACE). No entanto, apesar da intenção da alta hierarquia da Igreja no Brasil ser clara, torna-se notável também que a sociedade, em suas contradições e demandas, passa, a partir do aumento da capilaridade dos grupos ligados ao catolicismo, a transformar e influenciar as interpretações e a atuação da religião. Ou seja, se a Igreja buscava se organizar para transformar o mundo, esse mundo, a partir do aumento do contato com a igreja, dialeticamente também a transforma.

O elemento mais significativo do envolvimento de setores da hierarquia, e que atribui qualidade diferente a esta ação, pode não ter sido a necessidade de ampliar ou defender o catolicismo, com a criação de zonas sociais protegidas do comunismo, mas o envolvimento sincero (e evangélico) de alguns níveis da hierarquia, inclusive bispos (o grupo progressista), com o projeto social novo, que vinha sendo apresentado embrionariamente pelas massas em movimento. Como se há de analisar, esse envolvimento se deu e era caracterizado por precisos limites de classe. O grupo progressista não conseguiu superar a perspectiva de reformas sociais ao nível dos interesses dos setores mais progressistas do populismo. É possível que em consequência desse envolvimento, e do estabelecimento desse novo compromisso, ambos os setores das classes dominadas (os chamados pobres e explorados) tenham descoberto a Igreja e tenham iniciado um processo de conversão dessa instituição. Não seria a velha Igreja a ampliar as suas dimensões, a sua influência, mas seria o início de uma transformação que iria criar, e está criando, uma nova Igreja no país.<sup>14</sup>

Para não parecer que se trata apenas de uma interpretação posterior aos acontecimentos, é importante trazer uma fonte que fale sobre este tema diretamente do período em questão. No jornal *O Metropolitano* de 30 de junho de 1962 há um artigo de Alaor Barbosa chamado de *Cristianismo Redivivo*<sup>15</sup>. Nele, o autor refere-se à Igreja como uma instituição em transformação revolucionária, o que acaba por gerar em seu interior um reacionarismo que não é hegemônico, pois demonstra uma atitude acuada diante de personagens progressistas que se aliam aos movimentos populares e aos partidos políticos de esquerda na demanda pela transformação da sociedade brasileira.

Em particular no Brasil. Os padres e pensadores leigos que hoje repontam aqui, ali e acolá, em todo o Brasil, portando um cristianismo aparentemente novo - não são esporádicos. Aliás: já não são esporádicos. Têm já a representatividade de fenômeno, e fenômeno muito importante.

---

<sup>14</sup> *ibid.* p, 32.

<sup>15</sup> ALAOR, Barbosa. Cristianismo redivivo. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1962. p. 17.

No Maranhão, há um padre Alípio de Freitas, nada menos que presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Maranhão, que luta tenazmente pela reforma agrária - sem nenhum pudor falso de unir-se a um Francisco Julião. Em Belo Horizonte, padre Lago, famoso, líder, admirável (e autoproclamado agitador) dos operários da cidade. No Rio Grande do Sul, um frei Eugênio, cuja ascendência moral sobre o arcebispo dom Vicente Scherer atenua muito o ímpeto reacionário de dom Scherer. Em Goiânia, um padre Pereira declara que seus sermões fizeram uma escolha seletiva: dirigem-se aos operários, apenas. E foi mais longe o padre Pereira: colocou o altar-mor no centro do adro, da Igreja, meio de tornar a missa um ato de compulsória e espontânea comunhão: os fiéis ficam em redor do padre celebrante.

Em Friburgo, há o padre Henrique Vaz. Jovem ainda. Homem de equilíbrio raro: entende de futebol como pouca gente, conhece o cotidiano da política nacional e da política internacional, e fala de Lenin com uma naturalidade desnecessitada de racionalizar-se, com a naturalidade de quem vê em Lenin um homem e mais nada.

Do padre Vaz se deve lamentar que não possa dar de si tudo o que pode e precisa: um pensamento poderoso - e principalmente autêntico, daquela autenticidade essencial como a concebia e às vezes enxergava Exupery: padre Vaz é um homem, a quem toca tudo o que é humano. Coisa que se pode dizer de muita gente - e que para Marx (e padre Vaz o diz com a sua naturalidade natural) foi uma norma de vida.

Como figura importante no processo de transformação de alguns católicos na direção da esquerda do espectro político, mas sem abandonar suas convicções religiosas surge, repetidamente nas fontes, menções ao padre jesuíta Henrique de Lima Vaz, como vimos na citação anterior. Principalmente pela influência que ele parecia ter sobre os jovens. Ou seja, sobre os que compunham grupos como a JEC e a JUC. Mineiro de Ouro Preto, padre Vaz parece ter começado a exercer maior influência nos meios ligados ao catolicismo por conta de seu trabalho na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Nova Friburgo. Era um nome requisitado com frequência nas atividades promovidas pelo movimento estudantil por conta da simpatia que os jucistas tinham por ele.

Em julho de 1960, quase ao mesmo tempo do Conselho da JUC, se reuniram em Nova Friburgo, Estado do Rio, na Faculdade de Filosofia dos jesuítas, o dominicano Cardonnel, o jesuíta Henrique de Lima Vaz, professor de filosofia nessa faculdade, juristas de Belo Horizonte que publicavam a revista *Ação Popular*, assim como estudantes da Universidade Católica do Rio. Discutiu-se a possibilidade de criar um grupo no gênero de *Esprit*, na França, com sua própria revista. A iniciativa não teve seguimento, mas os estudantes cariocas e o Pe. Vaz se reencontraram no Rio, em março de 1961, por ocasião de uma Semana Social da PUC, para a qual foram convidados também Cândido Mendes

e Hélio Jaguaribe. O Diretório Central dos Estudantes da PUC, presidido pelo jucista Aldo Arantes, aproveitou a ocasião para elaborar um Manifesto, publicado em junho.<sup>16</sup>

Essa influência fica clara nos episódios da Semana Social da PUC, que será melhor detalhada no próximo capítulo e do Manifesto do DCE da PUC de 1961, mencionado na citação acima. Na época, a entidade era presidida pelo aluno de direito Aldo Arantes que, seria, pouco depois, eleito presidente da UNE. Aldo, assim como vários dos discentes envolvidos com política estudantil na PUC-Rio, era da JUC, é o caso, também, de Raul Landim Filho que, futuramente, tornar-se-ia diretor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio<sup>17</sup>. No Manifesto, há uma condenação clara do capitalismo e a tentativa de colocar uma perspectiva de ruptura com este modo de produção para solucionar os problemas sociais brasileiros. Desse modo, defende-se a planificação da economia, por exemplo, ao mesmo tempo em que há uma demonstração de apoio às reformas de base defendidas pelo programa do presidente João Goulart. Percebe-se, portanto, uma orientação socialista, mas sem abrir mão dos combates da política institucional, postura comum na esquerda brasileira daquele período.

A principal diferença parece estar na argumentação que mescla conceitos da sociologia, da economia e da ciência política com raciocínios pautados em autores cristãos como Maritain, de acordo com o que vimos anteriormente, tratando-se do Ideal Histórico.

Assim sendo, é possível notar que não há uma filiação direta a nenhum país do socialismo real como a União Soviética, a China ou a Iugoslávia, por exemplo. Embora haja um apoio evidente à Revolução Cubana. Desse modo, percebe-se que é um fenômeno original, que bebe de fontes diversas para tentar apresentar uma alternativa política brasileira. Alguns exemplos:

O desenvolvimento mais harmonioso possível implica: criação de sólida infraestrutura de indústrias básicas, desenvolvimento de sistema de transportes, reforma agrária que possibilite o crescimento de nossa agricultura (reforma que pode ocorrer tanto no sentido técnico, pela modernização de nossa agricultura, como também pela socialização da propriedade rural, isto é, estabelecimento, onde isto se fizer imperioso, e na medida do possível, da propriedade fundiária do tipo chamado por Maritain “societário”), criação do nosso mercado interno, eliminação das disparidades econômicas regionais (o desenvolvimento

---

<sup>16</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 175.

<sup>17</sup> *Ibid.* p. 176.

harmonioso deve operar-se “em todo território habitado pelo mesmo povo”) etc.<sup>18</sup>

Temos também:

O que devemos dizer, sem tergiversações, é que o capitalismo, realizado historicamente, só pode merecer a tranquila condenação da consciência cristã. São necessárias justificativas? Mais que suficiente seria lembrar aqui algumas alienações da pessoa humana confiadas no repertório da situação capitalista concreta: redução do trabalho humano à categoria de mercadoria; ditadura da propriedade privada, não submetida às exigências do bem comum; abuso do poder econômico; concorrência desenfreada, de um lado, e práticas monopolísticas de toda a sorte, de outro; motivação central no espírito de lucro; criação e sustentação da condição proletária; etc., etc.)<sup>19</sup>

E, para finalizar:

Observação: a planificação da economia brasileira deverá, sem dúvida, pautar-se igualmente pelos princípios do personalismo cristão. Respeitar-se-ão os direitos pessoais de propriedade - desde que já tenham sido satisfeitas as superiores exigências do bem comum a este respeito, - e as liberdades pessoais legítimas deverão ser garantidas (por exemplo, livre escolha da profissão, livre participação neste ou naquele setor da produção, etc.); não se pode defender planificação tirânica, feita a qualquer custo humano; trata-se de “substituir a economia anárquica do lucro” para imprimir-lhe as dimensões de economia pessoal, da pessoa e para a pessoa, pelos meios que são próprios à pessoa. Medida salutar, democrática, que há de eliminar os abusos do arbítrio capitalista e do egoísmo concorrencial, sem incorrer ao mesmo tempo em erros tão condenáveis quanto esses.<sup>20</sup>

A originalidade desse processo teórico e prático da JUC apoiada nas reflexões do padre Vaz S.J. e na militância política anticapitalista acaba por ser um prelúdio das transformações que o catolicismo passaria no Brasil e em vários outros países da América Latina. Desse modo, por mais que haja a apropriação de autores europeus, como Maritain, inaugura-se um novo modo de conceber o catolicismo neste lado do Atlântico. Os jesuítas possuem um papel central nessas inovações, Braga utiliza o padre João Batista Libânio S.J. para exemplificar tal encadeamento.

Segundo Libânio, "temos, portanto, os três pontos básicos de originalidade da Igreja na América Latina (...): opção pelos pobres, comunidades eclesiais de base e teologia pastoral da libertação.

<sup>18</sup> MANIFESTO DO DCE DA PUC apud SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. op. cit. p, 88.

<sup>19</sup> MANIFESTO DO DCE DA PUC apud SOUZA LIMA, ibid. p, 89.

<sup>20</sup> MANIFESTO DO DCE DA PUC apud SOUZA LIMA, ibid. p, 91.

A percepção de Libânio é de que "a Igreja do Brasil põe fim à fase de repetição de modelos pastorais importados, sobretudo da Europa". O padre Henrique Vaz, em frase lapidar, resume bem esse momento como a passagem "de uma Igreja-reflexo para uma Igreja-fonte".<sup>21</sup>

É possível notar, retornando ao manifesto do DCE da PUC-Rio, um direcionamento claro na defesa do protagonismo do Estado na melhora da infraestrutura nacional e na implantação da reforma agrária como modo para ampliar o mercado interno e possibilitar o combate à desigualdade social e regional no Brasil. O capitalismo é condenado, a partir do apelo à consciência cristã, por desumanizar a maioria das pessoas, transformando-as em força de trabalho reduzidas à condição de mercadoria. Ou seja, um argumento cristão que utiliza um raciocínio marxista. Todavia, também o cristianismo aparece como uma possível solução para efetivar o processo de planificação econômica, de modo a não ter que recorrer para soluções tidas como autoritárias demais no caminho soviético para edificação do socialismo em seu território.

Essa esquerda cristã condena o capitalismo e se esforça para construir caminhos para o socialismo que não caíam em processos autoritários ou demasiadamente violentos. Entre as décadas de 1950 e 1960, a União Soviética, por exemplo, havia exposto, com Krushev, problemas do período estalinista mas também invadido a Hungria em 1956, o que resultou em críticas, conflitos e divisões no interior das esquerdas mundo afora<sup>22</sup>.

O Manifesto do DCE da PUC gerou polêmica. Recebendo ataques no Jornal do Comércio e em artigo do jornalista católico Gustavo Corção. Mas ganhou o apoio do padre Vaz, que escreveu um artigo n'*O Metropolitano*, encarte do *Diário de Notícias* dos dias 25 e 26 de junho de 1961<sup>23</sup>. O jesuíta reconheceu certa ingenuidade na argumentação dos jovens, mas se referiu ao manifesto como digno de debates numa sociedade

---

<sup>21</sup> BRAGA, Livia Ribeiro Barboza de Araújo. A juventude universitária católica e a ditadura civil-militar brasileira: dos "ventos de abertura" aos "atos de fechamento" (1964-1968). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021. p. 17.

<sup>22</sup> Stalin morreu em 1953, no mesmo ano, Nikita Krushev tornou-se o primeiro ministro da União Soviética e buscou iniciar um processo conhecido como desestalinização. Para isso, tornou pública algumas críticas ao antigo líder soviético no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956, o que ocasionou uma crise na esquerda mundo afora, que passou por processos divisionistas. O PCdoB, por exemplo, foi fundado em 1958, separando-se do PCB na esteira desse processo, no ano de 1958. Outro elemento que causou polêmica entre os militantes de esquerda em todo o mundo foi a invasão soviética na Hungria, no mesmo ano de 1956, quando os soviéticos, buscando manter sua zona de influência, agiram na direção instalar um novo governo aliado na região, ação que exigiu, em boa medida, repressão e prisão de húngaros insatisfeitos.

<sup>23</sup> VAZ, Henrique Cláudio de Lima. O manifesto dos universitários da puc, uma "vária" do "jornal do comércio" e um artigo do sr. Gustavo Corção. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 25 e 26 de junho de 1961. p.86.

democrática e de acordo com a doutrina cristã, ou seja, como uma contribuição importante e válida para o debate sobre alguns dos problemas brasileiros.

Gustavo Corção e Padre Vaz protagonizaram, na imprensa, embates políticos muito claros. O primeiro sempre acusa o segundo de "hegelianismo, marxismo, comunismo" entre outras denominações, enquanto o segundo se defende, mas sem abrir mão de palavras ofensivas a Corção, tipo como um novo inquisidor ou alguém que cita muitos autores ou ideias sem de fato ter conhecimento sobre o tema.

Esse embate ajuda na compreensão de que, embora houvesse um crescimento de uma perspectiva progressista na Igreja Católica, seja entre padres, seja entre leigos, o conservadorismo ainda se mantinha poderoso e compreender tal conflito é um dos objetivos deste trabalho. Além disso, a JUC não era a única organização católica atuante nas universidades.

(...) é preciso não esquecer que a presença cristã na universidade não se reduzia à JUC. Havia Congregações Marianas, bem mais tradicionais, a Legião de Maria, que insistia no "apostolado direto" e na conversão e os jovens integralistas de extrema-direita, ligados a Plínio Correia de Oliveira e ao bispo de Campos, D. Castro Mayer, que logo organizaram seu movimento Tradição, Família e Propriedade (TFP). Gustavo Corção, ainda no Centro D. Vital, começava suas críticas azedas às posições da JUC e aos "padres progressistas".<sup>24</sup>

### **3 - A política estudantil no Brasil do início dos anos 1960: análise sobre o país, a UNE e a PUC-Rio**

No contexto da formulação das reformas de base, mencionado no item anterior, vemos um apoio claro da UNE, presidida por um aluno da PUC-Rio, ao presidente João Goulart. Antes de entrar mais diretamente nas disputas internas do ambiente puquiano e suas reações à essa guinada da principal entidade representativa dos estudantes, é necessário situar um pouco a situação conjuntural pela qual o Brasil estava passando nos primeiros anos da década de 1960.

Em 1961, a conjuntura no país é de intensa mobilização social após a renúncia de Jânio Quadros em agosto. A Campanha da Legalidade foi fundamental para garantir a posse de João Goulart, pois havia forças sociais que buscavam impedir que o vice-presidente eleito assumisse. Assim sendo, foi apenas a partir da edificação do

---

<sup>24</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 143.

parlamentarismo que Jango pôde ocupar o cargo presidencial, o que limitava seus poderes, quando comparado aos presidentes anteriores.

Havia um forte clamor popular pelo avanço das políticas das Reformas de Base e isso fica claro nas eleições de 1962, quando Miguel Arraes, pelo Partido Socialista Brasileiro, conquista o governo de Pernambuco. Da mesma forma, Leonel Brizola, um dos principais nomes da Campanha da Legalidade, recebe uma expressiva votação para o cargo de deputado federal na Guanabara e o Partido Trabalhista Brasileiro duplica a sua bancada no Congresso. Sendo assim, ganhou força também o clamor pela volta do presidencialismo, a ser conquistado, em 1963, via plebiscito<sup>25</sup>. No entanto, vale apontar que com a exceção de “(...) Pernambuco, com Miguel Arraes, a direita governava importantes estados, com Ademar de Barros em São Paulo, Ildo Meneghetti no Rio Grande do Sul, além de Carlos Lacerda na Guanabara.”<sup>26</sup>. Isso demonstra como havia um ambiente de polarização e de bases sociais consideráveis compondo tanto o espectro político de esquerda como o de direita, sugerindo uma atmosfera de embates iminentes.

Nas universidades, o clima não era diferente. Justamente por isso, podemos observar, na PUC-Rio, um cenário de intensificação do DCE levantando bandeiras a favor da posse de João Goulart, das reformas que seriam propostas pelo governo e, também, colocando pautas mais radicais no sentido de democratizar o país a partir de uma orientação socialista. Além da demonstração de apoio aos vitoriosos da Revolução Cubana que estavam em processo de alinhamento ao bloco soviético.

Pode-se perceber esse movimento quando analisamos a composição da JUC, que, naquele momento, passava por um processo de radicalização que geraria rachas e expulsões e que levaria à formação da Ação Popular (AP). Um novo agrupamento de esquerda que viria a se estabelecer na presidência da União Nacional dos Estudantes (UNE), através de Aldo Arantes, cuja gestão se deu no biênio 1961 e 1962<sup>27</sup>.

Antes de eleger-se na UNE, uma das principais ações do mandato de Aldo Arantes ainda à frente do DCE da PUC-Rio foi a organização da Semana Social. No jornal *O Metropolitano*, publicado como encarte a edição do *Diário de Notícias* dos dias 2 e 3 de

---

<sup>25</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978. p.76.

<sup>26</sup> FERREIRA, Jorge. *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano 3: o tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.361.

<sup>27</sup> Hoje, Aldo Arantes é dirigente do PCdoB e acumulou, ao longo da carreira, alguns cargos como vereador e deputado federal, participando, inclusive, da Constituinte de 1988.

abril de 1961 (FIGURA 1)<sup>28</sup> há uma descrição do evento. A Semana Social realizou-se entre os dias 20 e 25 de março e é lembrada pelo próprio Aldo tanto em seu livro autobiográfico quanto na entrevista dada por ele para esta pesquisa. A abertura do evento se deu com uma palestra do padre Fernando Bastos Ávila S.J., diretor do então Instituto de Estudos Políticos e Sociais, além disso, destacaram-se as participações de Cândido Mendes e do Padre Henrique de Lima Vaz S.J. . Nos debates adiantaram-se posições favoráveis à reforma agrária e à reforma universitária, tendo em vista que a renúncia de Jânio Quadros ainda não havia acontecido. Além disso, como podemos ver na edição do *Correio da Manhã* de 26 de março de 1961 (FIGURA 2)<sup>29</sup>, foram recebidas lideranças do Movimento Orientador Sindical, da Juventude Operária Católica e da Escola de Líderes Operários. Outro ponto curioso a ser abordado, é que no evento discutiu-se uma ação da Escola Politécnica da PUC chamada de Banco de Auxílio ao Estudante Pobre, que concedia bolsas de estudo e auxílios materiais para estudantes que necessitassem.

---

<sup>28</sup> CUNHA, Homero da. semana social movimentada a católica. O Metropolitano, Rio de Janeiro, 2 e 3 de abril de 1961. p. 52.

<sup>29</sup> SEMANA SOCIAL DA PUC DO RIO ENCERROU-SE REUNINDO OPERÁRIOS E ESTUDANTES. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1961. p. 7.

FIGURA 1:

# semana social movimentada a católica

Realizou-se nos dias 20 a 25 de março na Pontifícia Universidade Católica a «Semana Social». Durante seis dias alunos debateram com intelectuais e professores problemas atuais da maior importância, evidenciando uma real participação estudantil católica. A «Semana Social» representou sem dúvida, um despertar de consciência dos universitários da PUC para os problemas que afetam o mundo moderno e em particular o Brasil.

## reportagem de Homero da Cunha

Na abertura da semana o Pe. Fernando Bastos Avila, diretor do Instituto de Estudos Políticos e Sociais entusiasmou os estudantes falando sobre a finalidade, oportunidade e programa da Semana Social. Logo após foi exibido o filme «O Teto», dirigido por Vitorio de Sica e que versa sobre o problema da habitação popular. Nos dias seguintes foram programados quatro fóruns versando sobre problemas econômicos, políticos, sociais e culturais, todos eles precedidos por documentários de curta metragem abordando aspectos sociais do Brasil.

### forum econômico

Para maior autenticidade, dos deba-

tes, os organizadores da semana procuraram convidar intelectuais que representassem as diversas posições que se confrontariam no correr dos dias. Tal objetivo foi, na parte econômica, realmente alcançado. Assim é que abordando assuntos como «Capital Estrangeiro», «Intervenção Estatal», «Inflação» e «Café» os participantes do fórum revelaram suas posições bastante diversificadas.

A defesa do capital estrangeiro foi feita por Carlos Moacir de Almeida e Mário Henrique Simonsen; estes dois economistas esqueceram o homem em seu tecnicismo econômico. Cândido Mendes e Osvaldo Guzmão representaram a corrente de esquerda denunciando aos nostálgicos do desenvolvi-

mento referiam-se às repercussões sociais e políticas de sua adesão ao capital estrangeiro, que nem sempre coincide com os interesses nacionais.

Cândido Mendes de Almeida abordou o tema da intervenção estatal — a sociedade do trabalho era a solução que propunha para evitar os males do capitalismo ou de unitarismo estatal. Não deixou de constituir-se em uma nova orientação prática para que os cristãos formem uma semi-esquerda.

Osvaldo Guzmão, entretanto, se dispôs socialista, a propósito daquele tema, afirmando que seu compromisso com o cristianismo não lhe permitia união com os poderosos.

### forum social

O fórum social foi iniciado pela dissertação do sociólogo Manuel Diegues Jr. sobre a reforma agrária. As perguntas à mesa versavam sobre o «bom mocismo» de Francisco Julião ou sobre alguma eventual bênção eclesial às atividades das Ligas Camponesas. O livro «Reforma Agrária — uma questão de consciência» foi uma das questões controversas do auditório. Esclareceu, logo após, e a propósito, o pe. AVILA que, «direito natural à propriedade» não significa necessidade de manutenção de um tipo específico de apropriação. Assim defender o latifúndio não é o mesmo que defender o direito de propriedade, por sinal cada dia mais deturpado pelo próprio capitalismo, que monopoliza um pouco o direito de todos.

Seguiu-se o relatório do professor Cândido Mendes que abordou os aspectos das classes sociais e das contradições inter-regionais, ocasionadas pelo desenvolvimento.

O professor Guzmão acentuou ainda sua concepção de hierarquia de contradições que não coloca em escala temporal a solução de antagonismo nacional-nacional e a luta de classes.

### forum político

O neutralismo foi o tema fundamental do fórum político, sendo relatado o Pe. Henrique de Lima Vaz que acentuou as raízes históricas brasilei-

ras, o cristianismo que se inseriu na consciência nacional e nela fundamenta a procura da universidade. Por isso, a nação brasileira não pode deixar de possuir uma missão criadora no mundo moderno: a procura da paz supõe o diálogo com as nações estrangeiras, e deve ser o conteúdo de uma política exterior para o país. Exatamente sob este aspecto o professor Sousa Brasil defendeu a manutenção do «status quo», o que levou o professor Hélio Jaguaribe a acentuar que a cultura moderna é ocidental, pois através da Europa, tornou-se planetária. Quanto aos nossos compromissos históricos, justamente por serem históricos, podem ser superados. Pelo que o professor Jaguaribe foi vivamente aplaudido.

O tema Política do Desenvolvimento foi abordado pelo professor Jaguaribe que evidenciou 3 opções possíveis a do comando da burguesia, a do capitalismo de Estado e o do socialismo. Sem propriamente definir-se por nenhuma delas, o professor, entretanto, prometeu, para felicidade geral, um «chappyness» histórico: aburguesamento de todos para o ano 2.000.

### forum cultural

O Pe. Henrique Vaz fez breve e precisa análise do que é cultural. Abordou a fase grega e a medieval contemplativa. Acentuando o aspecto decisivo da ciência experimental na formação da consciência histórica dos tempos modernos, disse que esta se caracterizava pela presença da subjetividade como potência criadora. Apontou então o cristianismo e sua possibilidade de explicar a consciência moderna.

Em seguida falou o sociólogo Gláucio Dillon, profundamente influenciado pela escola americana, que, honestamente, procurou matematizar o problema cultural, numa tentativa de análise científica, segundo o professor carente de «partis-pris».

Finalizando, o professor Cândido Mendes lançou uma denúncia — desafio: chamava os alunos da PUC para que, superando suas condições sociais, participarem do engajamento cristão para uma revolução justa, humana e democrática.

## repórter universitário

# economia da rio de janeiro: diretório ataca problemas

Em prosseguimento a esta série de reportagens, o repórter universitário visitou, desta feita, a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio de Janeiro, ocasião em que teve a oportunidade de ouvir a palavra do presidente do D. A., acadêmico Aldemir Pereira Silva.

de Clemente de Oliveira

FIGURA 2:

## Semana Social da PUC do Rio encerrou-se reunindo operários e estudantes

Com a realização de uma Assembléia Geral e Mesa Redonda Operário-Estudante, encerrou-se ontem a "Semana Social", organizada pelo Diretório Central de Estudantes da Pontifícia Universidade Católica, que nasceu da necessidade de trazer para o debate e discussão científica uma série de problemas humanos. Os fóruns realizados versaram sobre problemas econômicos, sociais, políticos e culturais, terminando com a apresentação de planos práticos que serão desenvolvidos pelas diversas faculdades da PUC.

### ASSEMBLÉIA

Presidida pelo reitor, Pe. Artur Alonso, e com a presença de d. Helder Câmara, dr. José Artur Rios e dos diretores de Faculdades e Diretórios Acadêmicos foi iniciada a Assembléia Geral Universitária, onde foram apresentados os programas de ação social concretos que os diretórios se propõem executar. D. Helder Câmara pronunciou uma conferência, focalizando a responsabilidade do universitário face ao problema social. O diretor do Serviço de Assistência Social do Estado da Guanabara, José Artur Rios, ressaltou o empreendimento e recrutou os estudantes a colaborar para a solução dos graves problemas sociais.

### SEMANA

Durante a Semana Social foram abordados diversos temas entre os quais destacamos: Desequilíbrios regionais-Reforma Agrária; Concentração de Poder; Estratificação e Mobilidade Social no Brasil. (Nestes debates tomaram parte os profs. Manuel Diégues Junior, Oswaldo Gusmão, Cândido Antônio Mendes de Almeida, sob a coordenação do Pe. Fernando Bastos de Avila, Diretor da Escola de Sociologia e Política da PUC); Partidos e grupos de pressão — suas relações com a opinião pública; Alternativas políticas do desenvolvimento; Neutralismo e Relações com países socialistas e os Estados Unidos. (Nestes debates tomaram parte Pe. Henrique Vaz, prof. Hélio Jaguaribe, Siuza Brasil, Octacilio Leal e Glauco Chaves).

### TRABALHOS

Diversos Diretórios Acadêmicos se propuseram a realizar medidas

concretas para solucionar os problemas sociais que afligem o Estado, cooperando de maneira decisiva para a melhoria de condições dos menos favorecidos. Neste sentido, a Escola Politécnica da PUC criou o Banco de Auxílio ao Estudante Pobre (que já conta com um capital de mais de um milhão de cruzeiros, que pretendem ampliar) para a concessão de bolsas de estudo e auxílio material. A Escola de Sociologia e Política e a Escola de Serviço Social, farão o levantamento total do Parque Proletário da Gávea, com atenção especial à infância.

A Faculdade de Filosofia criou um grupo de trabalho para estudar o problema da educação no Estado da Guanabara. Além desta contribuição, cooperação com a SETER nas Escolas de Rádio e Televisão. A Faculdade Católica de Direito fará um programa de recuperação e assistência ao penitenciário.

### MESA REDONDA

Após o encerramento da Assembléia Geral, os universitários ofereceram um almoço aos líderes operários do Movimento Orientador Sindical, Juventude Operária Católica e da Escola de Líderes Operários, que transcorreu num ambiente de compreensão e camaradagem. Finalmente se reuniram numa mesaredonda onde foram debatidos os seguintes temas: Promoção do operariado, Cultura especificamente operária, Responsabilidade do operário frente do progresso econômico social; Papel do universitário na promoção operária; O universitário deve participar da vida dos sindicatos; O que se deve fazer para evitar o paternalismo.

Os confrontos entre universitários católicos de esquerda organizados e a estrutura da Igreja Católica estavam se tornando mais evidentes de acordo com o avanço das atuações do movimento estudantil dentro da PUC-Rio. Na esteira dos acontecimentos da Revolução Cubana, o Diretório Central dos Estudantes escreveu um manifesto denunciando o imperialismo norte-americano e condenando a invasão da Baía dos Porcos por parte dos EUA<sup>30</sup>. Necessário dizer, porém, que o corpo estudantil não pode ser compreendido como uma estrutura unívoca. Como veremos mais adiante, a conquista do DCE pela esquerda estudantil puquiiana não durou muito tempo. A diversidade de opiniões e de visões de mundo em disputa na sociedade não desaparece dentro dos muros universitários, por mais que, às vezes, as forças sociais no interior do ambiente acadêmico sejam bem diferentes, no quesito de intensidade, do que existe fora dele. Partidos ou agrupamentos de pouquíssima capilaridade no cenário político nacional podem, em determinada instituição, aparecer superdimensionados.

É o caso, por exemplo, da AP. A partir do diálogo com as fontes notamos que a organização se torna, rapidamente, uma das maiores forças do movimento estudantil brasileiro, contando com o apoio, em muitos casos, da juventude comunista do PCB. Contudo, os maiores partidos políticos do Brasil, naquele momento, eram o PTB, de João Goulart, o Partido Social Democrático (PSD), de onde provinha Juscelino Kubitschek e a União Democrática Nacional (UDN), do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, que, inclusive, tinha um filho estudando na PUC-Rio durante a primeira metade dos anos 1960.

Na PUC-Rio, portanto, alguns alunos mais alinhados à direita não deixaram de procurar dar eco às suas posições, de maior aderência com a política externa norte-americana, por exemplo. Isso fica claro a partir da análise de fontes que tratam da repercussão desse manifesto pró-Cuba que foi lançado pelo DCE. Tais alunos conseguiam espaço em jornais como *O Globo* para expor suas insatisfações com os rumos de entidades estudantis como a UNE, o que fica exemplificado a partir do exame das matérias do *O Globo* nas figuras 3<sup>31</sup> e 4<sup>32</sup> que aparecem a seguir. Percebe-se que as disputas internas, na PUC-Rio, não eram hegemônicas completamente pela esquerda, pois, pelo menos a

---

<sup>30</sup> ARAUJO, Maria Paula. *Memórias estudantis 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007. pp. 99 e 100.

<sup>31</sup> DIRETÓRIOS DA PUC NÃO APOIAM MANIFESTAÇÃO A FAVOR DE FIDEL. *O Globo*, Rio de Janeiro. 27 de abril de 1961.

<sup>32</sup> PROTESTO CONTRA O MANIFESTO ATRIBUÍDO AOS ALUNOS DA PUC. *O Globo*, Rio de Janeiro. 25 de julho de 1961.

partir de matérias jornalísticas, vemos que o centro acadêmico de Direito, denominado Centro Acadêmico Eduardo Lustosa (CAEL), que também, em gestão anterior, já havia sido composto por Aldo Arantes, tratou de renegar o manifesto favorável à Fidel Castro no impasse que vivia Cuba naquele momento. Essa expressão da diversidade e do conflito entre direita e esquerda na PUC-Rio acabou por resultar em episódios de violência poucos anos depois. Após o golpe militar de 1964, alunos de Engenharia chegaram a invadir e depredar o Diretório de Sociologia alegando estarem defendendo a Universidade da infiltração comunista.

É curioso notar, entretanto, que Aldo Arantes, em entrevista dada à Jalusa Barcellos chegou a afirmar que o combate d'O Globo com relação ao movimento estudantil organizado, servia, às vezes, como propaganda indireta para que as ações da UNE encontrassem um respaldo e uma aceitação da juventude ainda maior. (ARANTES apud BARCELLOS, p. 29)<sup>33</sup> Algo que foi reafirmado durante sua entrevista para auxiliar nesta pesquisa<sup>34</sup>. É necessário pontuar que a principal referência para a utilização de entrevistas e, conseqüentemente, de fontes orais para este trabalho é o texto *O que documenta a fonte oral?*<sup>35</sup> da professora e historiadora Verena Alberti. Além de Arantes, também foi ouvida Margarida de Souza Neves, professora emérita do Departamento de História da PUC-Rio e aluna da mesma universidade no período tratado por esta pesquisa. Voltando ao trabalho de Alberti, ela destaca, acerca da história oral, que:

(...) sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado *tomados como dados objetivos*, capazes de incidir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado.<sup>36</sup>

Dessa maneira, a autora faz questão de levantar a tese de que a memória sobre qualquer acontecimento é um campo de disputa, sem deixar de atentar-se que as forças em conflito costumam ter desiguais posições de poder. Todavia, essa percepção ajuda, nesta pesquisa, a compreendermos que temas como movimento estudantil nos anos 1960 e suas organizações e práticas políticas não podem ser encarados como idealizações perfeitamente coesas e sem contradições. Ao mesmo tempo, há o entendimento de que a

---

<sup>33</sup> BARCELLOS, Jalusa. *CPC: uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 29.

<sup>34</sup> ARANTES, Aldo. Entrevista concedida a João Paulo Costa. Núcleo de Memória PUC-Rio, Rio de Janeiro, 22 jun. 2023.

<sup>35</sup> ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.

<sup>36</sup> *ibid.* p, 42.

memória não é apenas um esforço de construção *aposteriori* do passado, mas um empenho de compreensão do próprio presente vivenciado e de edificação de projetos para o futuro. Desse modo, quando elaboro raciocínios sobre o período aqui estudado no diálogo com as fontes, estou, decididamente, falando de reminiscências que agem ou falam sobre os dias de hoje no meio social onde estou inserido, a partir de minhas experiências e especificidades, mas que, ao alcançar outras pessoas, pode tomar novas formas e rumos, a partir de outras chaves de interpretação.

FIGURA 3<sup>37</sup>

## **Diretórios da PUC Não Apóiam Manifestação a Favor de Fidel**

**A** DIRETORIA do Centro Acadêmico Eduardo Lustosa, da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica, deliberou desautorizar, publicamente, o presidente do Diretório Central de Estudantes, Aldo Arantes, pela divulgação, na imprensa, de uma nota acerca da situação cubana, em nome do corpo discente daquela universidade, e do envio de um telegrama ao Presidente da República, pedindo uma definição contra o Governo norte-americano.

O presidente do Diretório é acusado de violar todos os princípios de ética, que impunham fossem os demais diretórios acadêmicos consultados, antes de ser emitida uma definição de tal ordem, sobre matéria de tamanha relevância. O Centro Acadêmico distribuiu nota de descrédito ao estudante Aldo Arantes, afirmando que o que foi divulgado sob sua responsabilidade não representa o pensamento da maioria dos alunos de Direito da P.U.C. O comunicado diz, mais, que "ainda não há tempo, sequer meios e dados suficientes, para se precipitar um pronunciamento com a devida isenção", esclarecendo a posição de sobriedade em que se mantém, sem que isto signifique solidariedade ao regime de Castro. O Centro Acadêmico conclui dizendo que "nada justifica e legitima inferir que condenemos os que lutam contra o jugo de Fidel Castro, arriscando suas vidas por um ideal de libertação de sua Pátria".

## **AGREDIDA A MENOR A BARRA DE FERRO**

**E**M estado de coma, com ferimentos na cabeça e no rosto, produzidos a barra de ferro, a menor R. H. S. (14 anos, branca, solteira) foi internada no Hospital de Magé. Vivera em companhia de Nilo Lopes (prêto, solteiro, 23 anos), a quem abandonara em virtude de maus tratos, depois de obrigada, sob ameaças, a fugir da casa de seu tio, José Marques de Sousa, para onde voltara. A Polícia de Magé está à caça do criminoso, que se acredita estar homiziado nas matas de Urubí.

## **DEPILAÇÕES CC**

Mme MATTOS atende com  
57-8245. Limpa os pêlos e embe

<sup>37</sup> Diretórios da PUC não apoiam manifestação a favor de Fidel. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1961. Página 15.

FIGURA 4<sup>38</sup>

# PROTESTO CONTRA O MANIFESTO ATRIBUÍDO AOS ALUNOS DA PUC

Estudantes Dizem Que se Trata de Documento Redigido Por um Pequeno Grupo de Extremistas Que Não Representa o Pensamento do Corpo Discente Daquela Universidade

**E**M carta a O GLOBO, os estudantes José Carmelo Brás de Carvalho, Luis Oscar Dubeux Pinto e Tomás A. W. Dwyer prestam esclarecimentos sobre um manifesto atribuído aos alunos da Pontifícia Universidade Católica, dizendo que tal manifesto é de autoria de um pequeno grupo de tendências ultra-esquerdistas e não representa, de modo algum, o pensamento do corpo discente daquela Universidade.

Explicando que a eleição do universitário Aldo Arantes para a presidência da U.N.E. foi o coroarmento da ação de elementos ligados aos comunistas, lembram que, antes, o Diretório Central dos Estudantes da PUC promovera uma "Semana Social" de cunho nitidamente vermelho para a qual foram convidados conhecidos isebianos, que pregaram suas idéias extremistas. Por outro lado, o pequeno grupo que redigiu o manifesto — alguns deles inteiramente estranhos aos meios estudantis — também elaborou uma reforma universitária de orientação comunista em que se define a posição do D.C.E. da PUC em favor da escola "pública" e de repúdio ao projeto de Diretrizes e Bases da Educação.

O estudante Aldo Arantes — dizem ainda os signatários da carta — mais suspeito se tornou ao telegrafar ao Presidente João Góndros, no dia da Invasão de Cuba, dando apoio a Fl-

del Castro, em nome do Diretório, embora não haja consultado, para isso, quem quer que seja, numa flagrante violação dos estatutos do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica.

## Terminologia Marxista

Os estudantes José Carmelo, Luis Oscar e Tomás Dwyer chamam ainda a atenção para o

fato de o manifesto atribuído aos alunos da PUC se caracterizar por uma terminologia marxista, além de expor idéias do Padre Teilhard de Chardin desaprovadas pela Congregação do Santo Ofício que, em resolução de 13 de novembro de 1967, mandou retirar as obras desse sacerdote das bibliotecas dos institutos religiosos.

## Impostura

Depois de afirmarem que o manifesto atribuído aos alunos da PUC não é mais do que uma balela, uma impostura, os signatários da carta informam que, contra o documento, já se pronunciaram professores e estudantes daquela Universidade, além de sacerdotes e leigos, que têm condenado a ação comunista do atual presidente da U.N.E. e de seu grupo.



# PILOGENIC

Rua 1.ª de Março, 17

# CAIXAS DE AÇO

PARA INDÚSTRIAS

<sup>38</sup> Protesto contra o manifesto atribuído aos alunos da PUC. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1961. Página 3.

Retornando ao raciocínio sobre a UNE, quando a entidade, dirigida por um aluno católico, filia-se a União Internacional dos Estudantes, entidade com sede em Praga, na época a capital da Tchecoslováquia, uma república socialista, o Arcebispo de Natal Dom Eugênio Sales protestou e Aldo Arantes acabou expulso da JUC<sup>39</sup>. Em seu livro de memórias, *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*<sup>40</sup>, o professor Luiz Alberto Gómez de Souza também relata esse episódio da expulsão de Aldo, pontuando que o então cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara não admitia essa aliança com comunistas nem nacional e nem internacionalmente<sup>41</sup>. Em um contexto de mobilizações de operários e trabalhadores rurais, diante do rápido crescimento da urbanização e do aumento dos setores médios nas principais cidades, as faces daquele Brasil do início dos anos 1960 mais uma vez ficam claras no episódio da “Semana Social”. De um lado, cresce a orientação anti-imperialista e de viés socialista por parte de um setor do movimento estudantil organizado que conseguiu conquistar a presidência da UNE, tornando-se relevante para os universitários; de outro, aumentam o conservadorismo e o anticomunismo que se já se expressavam nas elites e no alto escalão da Igreja Católica.

As já citadas Reformas de Base que encontravam eco nas esquerdas do movimento estudantil eram entendidas, por estes, como fundamentais. Mas não apenas as que tratavam da reforma agrária ou da limitação do envio de remessas de lucro para o exterior por parte das empresas estrangeiras que aqui atuavam, por exemplo. Os estudantes compreendiam a Reforma Universitária também como um passo primordial para a construção de um país soberano e menos injusto socialmente. Desse modo, lutavam também por universidades mais acessíveis para o grosso da população e preocupadas com o estudo dos problemas e das soluções para o desenvolvimento do Brasil não apenas no campo do crescimento econômico, mas com maior distribuição da riqueza e, por conseguinte, menos desigual. Além disso, havia a defesa intransigente da escola pública universal e gratuita, o que também gerava atrito com a Igreja Católica, principalmente com a Associação dos Educadores Católicos (AEC)<sup>42</sup>. Por conta de tudo isso, a UNE, naquele momento, foi uma força notável na anteriormente mencionada Campanha da

---

<sup>39</sup> ARAUJO, Maria Paula. op. cit. p.100.

<sup>40</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Ponteio; Educam, 2015.

<sup>41</sup> *ibid.* pp. 62 e 63.

<sup>42</sup> SÁ, Karolina Kneip de. *Ação Popular do Brasil: da JUC ao racha de 1968*. Dissertação (mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2015. p. 66.

Legalidade. O reconhecimento do movimento estudantil organizado como uma importante força política no início dos anos 1960 mostra-se mais claro quando, após a posse, ainda sob o parlamentarismo imposto, João Goulart agenda uma visita ao prédio da UNE e se reúne com os membros da entidade, discursando e ouvindo uma intervenção de Aldo Arantes. É possível dizer que a base estudantil estava interessada no avanço das reformas, na garantia da continuidade de uma política externa brasileira independente e na criminalização daqueles que queriam impedir a posse de Jango, o que era interpretado como uma manobra golpista. Concomitantemente, o jornal *O Globo* expressava o seu anticomunismo, desprezando as palavras de ordem que eram gritadas pela plateia na ocasião. Há uma polêmica no que tange ao tratamento que deveria ser dado àqueles que haviam se organizado para barrar a chegada de João Goulart à presidência da República. Aparentemente, havia os que se expressavam de forma favorável à criminalização desses atores, mas essas ideias não eram bem vistas por todos os setores do governo e, nem pela oposição. Todavia, fica impossível não relacionar esse evento, de falta de combatividade para com os elementos golpistas, ao que viria a acontecer em 1964. Na FIGURA 5, apresentada a seguir, temos uma matéria com o título *Comunistas tentaram perturbar a visita do presidente à UNE*, no periódico já citado que relata a visita do presidente à sede da entidade estudantil.

No subtítulo *Isso não* da matéria, é possível ler:

Em dado momento, o Sr. Aldo, em atendimento a pedidos de muitos comunistas presentes - que gritavam “punição para os golpistas”, “abaixo o parlamentarismo” e, inclusive, “*paredón*” - passou a pedir o empenho do Presidente João Goulart - de sobrancelhas cerradas - para a “queda do dispositivo golpista”. Entretanto, da assistência houve quem pedisse que o orador se calasse ou prosseguisse sem alusões ao “dispositivo golpista”, e que fazia com que fossem redobrados os aplausos dos comunistas presentes. Próximo a um dos auto-falantes, ouviu-se perfeitamente a voz que interceptou o discurso do estudante Arantes repetir: “Isso não! Isso não!”<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> COMUNISTAS TENTARAM PERTURBAR A VISITA DO PRESIDENTE À UNE. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1961.

FIGURA 5<sup>44</sup>

# COMUNISTAS TENTARAM PERTURBAR A VISITA DO PRESIDENTE À UNE

Falando de Improviso, o Sr. João Goulart Não Deu Atenção Aos Agitadores — Abriu, Com Vários Ministros, os XIII Jogos da Primavera — Conferência Com o Cardeal Câmara

**F**OI DOS mais intensos o dia de sábado para o Presidente João Goulart, que se acha desde sexta-feira na Guanabara. Na parte da manhã, conferenciou com o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara; às 15h 20m, chegava ao Estádio do Fluminense Futebol Clube para a solenidade de abertura dos XIII Jogos da Primavera; às 19h 30, deixou o campo das Laranjeiras, com destino à Cinelândia, onde, em companhia do Primeiro-Ministro Tancredo Neves e do Sr. Oliveira Brito, Ministro da Educação — depositou uma "corbeille" junto ao busto do Ex-Presidente Getúlio Vargas. Em seguida, dirigiu-se à sede da União Nacional dos Estudantes, na Praia do Flamengo, para a cerimônia de abertura do XVIII Congresso Universitário da União Metropolitana de Estudantes e, finalmente, seguiu para o Aeroporto do Galeão, a fim de encontrar-se com o Presidente Arturo Frondizi, da Argentina.

## Nas Laranjeiras

Acompanhado de vários Ministros de Estado, o Presidente João Goulart e o Sr. Tancredo Neves assistiram à toda a cerimônia de abertura dos Jogos da Primavera. No encerramento do desfile de clubes e colégios participantes do certame e após acesa a pira olímpica, o Presidente disse apenas: "Considero abertos os XIII Jogos da Primavera de 1961".

Na tribuna de honra, viam-se o Ministro Franco Montoro (Trabalho); Ministro Segadas Viana (Guerra); Ministro Oliveira Brito (Educação); Ministro Clóvis Travassos (Aeronáutica); General Floriano Peixoto Keller; Major Gama e Sousa, ajudante-de-ordens do Presidente da República, e várias outras figuras de projeção do mundo político, militar, desportivo, intelectual e social nacional.

## Aplausos

Sob intensa ovação, o Presidente da República penetrou no Estádio do Fluminense. O público todo gritava o seu nome e o aplauso de pé. Quando S. Ex.<sup>a</sup> deixava o campo do Fluminense, por volta das 19h 30m, grande massa popular concentrou-se no portão de acesso ao saguão principal do estádio. Os residentes nas Ruas Alvaro Chaves, Pinheiro Machado, Farani e adjacências, das janelas iluminadas, chamavam pelo Presidente. Este permaneceu o tempo todo sorridente, acenando para o público.

## Na Cinelândia

Durou pouco mais de vinte minutos a estada do Sr. João Goulart com o grande número de populares e partidários políticos que o aguardava na Praça Floriano, junto ao busto do ex-Presidente Vargas, totalmente coberto de flores. O Presidente Goulart deu duas voltas pelo quadrilátero limitado por cordões de isolamento, sempre muito sorridente e todas às vezes aplaudido. Viam-se numerosas faixas pedindo "punição para os golpistas", pagamento da paridade ou, simplesmente, continham elogios à atuação do General José Machado Lopes ou à do Governador Leonel Brizola, durante os últimos acontecimentos de agosto. As associações de classe e sindicatos aproveitaram, também, a oportunidade para reivindicações salariais.

## Flôres

Ladeado pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves e pelo Major Gama e Sousa, seu ajudante-de-ordens, o Sr. Goulart depositou a "corbeille" no busto de Getúlio Vargas e repetiu o ato por duas vezes, atendendo às solicitações do batalhão de fotógrafos. Eram 21h 15m quando S. Ex.<sup>a</sup> e comitiva seguiram para a União Nacional dos Estudantes.

## Na UNE

Sob os brados de "viva o campeão da legalidade", "plebiscito imediato", "política externa independente", o Sr. João Goulart chegou à U.N.E. às 21h 20m. Recebeu-o o acadêmico Aldo Arantes, presidente da entidade, elogiando os seus primeiros dias de Governo, seus atos e discorrendo — sob aplausos de conhecidos agitadores — sobre o que sua posse representou para os estudantes, para os operários e para a Nação. afirmou que "os estudantes brasileiros esperam que o Sr. João Goulart e o Ministério mantenham as bases da atual política externa brasileira". Acrescentou que era ele o primeiro Presidente da República a visitar as instalações da U.N.E. e que, naquela oportunidade, os estudantes e os operários que ali estavam depositavam um voto de confiança em sua atuação.



O Presidente João Goulart acenando para a assistência, na sede da UNE

leira". Acrescentou que era ele o primeiro Presidente da República a visitar as instalações da U.N.E. e que, naquela oportunidade, os estudantes e os operários que ali estavam depositavam um voto de confiança em sua atuação.

## "Isso Não"

Em dado momento, o Sr. Aldo Arantes, em atendimento a pedidos de muitos comunistas presentes — que gritavam "punição para os golpistas", "abaixo o parlamentarismo" e, inclusive, "paredón" — passou a pedir o empenho do Presidente João Goulart — de sobranceiras cerradas — para a "queda do dispositivo golpista". Entretanto, da assistência houve quem pedisse que o orador se calasse ou prosseguisse sem alusões ao "dispositivo golpista", e que fazia com que fossem redobrados os aplausos dos comunistas presentes. Próximo a um dos alto-falantes, ouviu-se perfeitamente a voz que interceptou o discurso do estudante Arantes repetir: "Isso não! Isso não!"

## "Amizade"

Entre os brados ouvidos na reunião, "amizade com todos os povos", "autodeterminação" e "política externa independente" foram os mais repetidos. Quando os presentes passaram a gritar "plebiscito", "abaixo o parlamentarismo" etc., o acadêmico Aldo Arantes concluiu seu discurso, dizendo que o operário e o estudante esperam que o Sr. Goulart consiga governar da maneira mais democrática possível.

## Agradecimento

Em seu discurso de agradecimento, de improviso, disse o Sr. Goulart confiar no patriotismo dos estudantes brasileiros e louvar o Gabinete dirigido pelo Primeiro-Ministro Tancredo Neves. — Uma das minhas primeiras preocupações logo após a posse, foi procurar restituir a ordem e a lei ao País. Penso que obtivemos êxito. Por outro lado, a autodeterminação para todos os povos não ficou apenas em palavras. Está nas recentes declarações e pronunciamentos do Senador Afonso Arinos. Está na posição assumida pelo ilustre representante brasileiro junto à Organização das Nações Unidas. Internamente, procuraremos realizar um Governo realmente voltado para os interesses e aspirações do povo brasileiro. Indiferentes a quaisquer formas de pressões que se nos apresentem. Mas, para que esse Governo alcance os objetivos e os sucessos que os brasileiros merecem, temos que contar com o apoio do povo e dos estudantes. E, graças a Deus, até agora este apoio não nos tem faltado.

44 *Comunistas tentaram perturbar a visita do presidente à UNE. O Globo, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1961.*

É nesse contexto que a UNE, ainda sob o mandato de Aldo Arantes, decide circular pelo país com um projeto chamado UNE-Volante, que seria responsável por publicizar essas e outras demandas dos universitários por vários estados, com o foco em expandir o movimento estudantil e garantir as almejadas conquistas. Nessa conjuntura, também foi criado o CPC (Centro Popular de Cultura), que viajava junto com a UNE-Volante, organizando intervenções artísticas que tratavam dos temas em questão.

(...) nós mobilizávamos os estudantes com a questão da reforma universitária, e consolidávamos as entidades estudantis. Paralelamente, criávamos novos CPCs. No curso da UNE Volante, criamos doze CPCs pelo Brasil, entre os quais o CPC da Bahia, onde surgiu Glauber Rocha.<sup>45</sup>

Mas, não foi só isso. A gestão de Aldo Arantes na UNE é vista como um período muito intenso de mobilização da entidade estudantil nas mais diversas lutas, articulados com setores sociais variados. Na dissertação de Karolina Kneip de Sá, *Ação Popular do Brasil: da JUC ao racha de 1968*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, essas atividades ficam claras:

A gestão de Aldo Arantes à época foi a mais dinâmica da UNE, principalmente no que concerne às conversações e mobilizações com outros setores sociais, como o operariado e o campesinato, participando do I Congresso dos Trabalhadores Agrícolas do Brasil, que contou com cerca de cinco mil pessoas em Belo Horizonte. A UNE também apoiou a resistência anti-salazarista e outros movimentos sociais mundiais. (...) Os estudantes (...) inseridos na organização ainda se envolveram fortemente na luta dos estudantes secundaristas, principalmente na defesa do ensino público gratuito e de qualidade.<sup>46</sup>

O caráter eminentemente político e de esquerda da UNE nesse período, ainda mais por estarem sendo delineados por uma entidade com um presidente que se dizia cristão, não deixavam de causar atritos com líderes da Igreja Católica, como já foi citado, os quais também recorriam à imprensa para demonstrar descontentamento com os rumos do movimento estudantil. É possível encontrar matérias no *O Globo* que dão voz ao Cardeal Dom Jaime mostrando-se revoltado com as orientações do movimento estudantil e da UNE em particular, referindo-se claramente à UNE-Volante e ao CPC, portanto, como um movimento inoportuno e indébito por seu caráter comunista, subversivo e anti-EUA. É este um dos conteúdos da FIGURA 6, apresentada a seguir: a matéria “Inquieta os

<sup>45</sup> BARCELLOS, Jalusa. op. cit. p. 29.

<sup>46</sup> SÁ, Karolina Kneip de. op. cit. p. 70 e 71.

Arcebispos a ação subversiva da UNE, revela o Cardeal D. Jaime”. No subtítulo “Os arcebispos contra a UNE”, inclusive, pode-se ler:

“Provavelmente, o meu bom amigo ouvinte deseja saber quais os resultados de minha consulta aos Exmos. Srs. Metropolitanas. Dir-lhe-ei que, embora ainda nem todos tenham podido responder, já possuo dos 28 Arcebispos do Brasil 17 cartas, além de telegramas suficientes para verificar o desagrado e a preocupação ante as manifestações da UNE-Volante, a infestar os Estados, prejudicando a classe estudantil da qual a Pátria tem o direito de muito esperar.” (...)

“Julgo de absoluta necessidade um combate ‘a UNE, eivada de comunismo e dominada por sequazes de Moscou. Apoio V. Em.<sup>a</sup> em sua luta contra a infiltração comunista e estou pronto a colaborar com V. Em.<sup>a</sup> nesta campanha. Caso preciso, irei mesmo ao Rio para trocar ideias com V. Em.<sup>a</sup> e concertar um plano de ação conjunta.”<sup>47</sup>

Voltaremos a falar sobre a união entre a UNE e o CPC mais adiante, retomando o raciocínio exposto na introdução, sobre a produção do filme *Cabra Marcado para Morrer* (1984). Mas agora, neste capítulo, ainda é necessário retornar para a PUC-Rio e analisar as reações do corpo discente ao mandato de Aldo Arantes no DCE e na UNE.

Como vimos com as fontes jornalísticas anteriores, a esquerda no interior do movimento estudantil puquiano não encontrava caminho livre de obstáculos. Isso se torna ainda mais evidente a partir do ano de 1962. Se por um lado, nota-se que a JUC e, posteriormente, a AP encontravam-se em crescimento de influência na UNE, dentro da PUC-Rio as vitórias eleitorais para as entidades representativas estudantis cessaram graças ao surgimento e ao fortalecimento de outra organização, o Movimento Solidarista Universitário (MSU).

---

<sup>47</sup> INQUIETA OS ARCEBISPOS A AÇÃO SUBVERSIVA DA UNE, REVELA O CARDEAL D. JAIME. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1962.

# Inquieta os Arcebispos a Ação Subversiva da UNE, Revela o Cardeal D. Jaime

**O** CARDEAL D. Jaime de Barros Câmara, em sua palestra da noite em Rádio Vera Cruz, em "A Voz do Pastor", aplaudiu no depoimento de vários arcebispos, mostrou como se desenvolvem as atividades subversivas da União Nacional dos Estudantes (UNE). Disse:

"Não sei quem me está escutando

nesta hora. É pai ou mãe de família? É jovem? Talvez estudante? Tanto melhor, pois interessa-lhe o que as "Notícias Católicas" divulgaram: "Crisciúma, Santa Catarina, abril, 12 — Vindos do Rio de Janeiro, apresentaram-se em Crisciúma, a 27 de março p.p., sem prévia comunicação à própria União dos Estudantes local, que

representantes da UNE, da UBES, do UCES, convocando, ruidosamente, os estudantes locais, trabalhadores e povo em geral, para uma assembléia de agenda de trabalhos aparentemente inofensiva. Mal dão início à reunião, assumem-lhe o controle e, passando o microfone de um para outro, entram a tratar de assuntos políticos comple-

tamente alheios aos interesses da classe estudantil, pregando, abertamente, a revolução, pela união dos estudantes, operários e camponeses. Representavam a UNE o vice-presidente e o encarregado do já bem conhecido Centro Popular de Cultura; a UBES, o seu secretário-geral, Tomás Mireles, e a UCES, Polibio Adolfo Braga.

## Reação

"Passado o primeiro espanto, reagiu indignados, os democratas. Apoderando-se do microfone, à força, o presidente da mesa, Rodoval José Alves, vice-presidente da UESC (União dos Estudantes de Santa Catarina), até ali, postergado pelos intrusos, desmascarou-os de frente, sob estrondosos aplausos da assistência, já ansiosa por essa oportunidade, e denunciou o golpe baixo que os estudantes comunistas tentavam dar com a sua doutrinação vermelha, advertindo-os de que levantaria a sessão, se não mudassem de atitude. Um dos participantes, por sua vez, pediu a palavra e, no mesmo tom, rebateu o Socialismo e a Revolução ali pregados e o ódio idiota contra o povo americano, de cujo auxílio substancial muitos cidadãos necessitados, inclusive do Crisciúma, são beneficiados. A assistência aplaudiu e bradava "está na hora". Sempre sob aplausos, o orador convidou os presentes a abandonar o recinto, o que foi feito incontinenti, pela quase totalidade, permanecendo, apenas, um grupo que cercava os visitantes, rasgando toda a propaganda subversiva que tinham distribuído com o intuito de, por qualquer modo, atingir seu objetivo. Sob va-las, os quatro indesejáveis da UNE-volante abandonaram a cidade, num carro oferecido pelos estudantes democratas".

## Aos Estudantes

"Ora, meu caro ouvinte, sabendo, pela imprensa, que a UNE-volante começara seu giro revolucionário pelos Estados, escrevi, como presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aos Exmos. Srs. Arcebispos, consultando Suas Reverendíssimas sobre a conveniência de serem desmascaradas essas incursões inoportunas e indesejáveis que perturbam a indispensável tranqüilidade na classe estudantil, impedindo-a de se preparar convenientemente para o futuro, seu e do Brasil, ou, seja, discriminando de seu específico dever, que é estudar. Não se trata de impedir, na juventude, a natural e justa evolução (e não revolução) para melhorar suas condições de vida e de estudos. Todos querem, e a Igreja não menos, o aprimoramento dos métodos de formação e a valorização dos dotes intelectuais, físicos e morais da mocidade. Ninguém lhe recusa o direito de, cada vez mais, desenvolver a personalidade. Antes, pelo con-

trário. Todos lhe aplaudem o idealismo e auguram os louros da vitória nos vários campos de atividade, apropriados à sua idade e condição de estudantes. E é por isso mesmo que lhes dirigimos nossa palavra amiga, seja de animação, como, também, de conselho e advertência. Diz o provérbio: "Quem te avisa, teu amigo é".

## Os Arcebispos Contra a UNE

### a UNE

"Provavelmente, o meu bom amigo ouvinte desolará saber quais os resultados de minha consulta aos Exmos. Srs. Metropolitanos. Dir-lhe-ei que, embora ainda nem todos tenham podido responder, já posuto das 28 Arcebispos do Brasil 17 cartas, além de telegramas, suficientes para verificar o desagrado e a preocupação ante as manifestações da UNE-Volante, e infestar os Estados, prejudicando a classe estudantil, de qual a Pátria tem o direito de muito esperar.

Das epístolas enviadas pelos Exmos. Srs. Arcebispos, von respigar apenas alguns típicos. Não citarei nomes, porém, conservo em meu poder os originais:

"Juízo de absoluta necessidade um combate à UNE, enviada de comunismo e dominada por sequazes de Moscou. Apóio V. Em." em sua luta contra a infiltração comunista e estou

pronto a colaborar com V. Em." nesta campanha. Caso preciso, irei mesmo ao Rio para coar idéias com V. Em." e conceber um plano de ação conjunta". Outro: "Com referência à UNE, coloco-me à inteira disposição de V. Em.", e, com prazer, receberei as interrupções que se dignar remeter-me a respeito. E sempre melhor prevenir, do que procurar corrigir depois do mal feito".

## Representação Episcopal

### Episcopal

Escute mais este: "Acompanhando um recorte de O GLOBO, em que V. Em." se solidarizava com o Exmo. Sr. Arcebispo de Porto Alegre, na questão de auxílio do Governo à UNE recebi a consulta sobre a conveniência de uma frente episcopal em face das últimas investidas da UNE. Respondi, por telegrama, afirmativamente. Não tendo visto ainda algo sobre isto, julguei dever me confirmar aquela resposta por esta carta. Penso que é urgente uma representação episcopal, numerosa quanto possível, para exigir do Sr. Presidente da República a cessação desta injustiça, dessa proteção ao comunismo, quando as instituições

ANTIGUIDADES  
CASA ANGLO-AMERICANA  
COMPRA E VENDE  
Rua Gago Coutinho, 73 - 25-0618

## Esteja em Dia Com Seus Pagamentos...

Crédito é uma consequência. Uma ficha limpa, uma boa informação facilitam muito a vida. Mais de duas mil casas de diversas especialidades desde o armazém de gêneros ao banco ou do colégio ao proprietário de imóveis e o dentista servem-se do cadastro do Serviço de Proteção ao Crédito, onde ficam anotadas as irregularidades graves em matéria de pagamentos de prestações ou mensalidades. Cuide seriamente de seu crédito e mantenha limpa sua ficha, para gozar do benefício da ação social do crédito.

Av. Presidente Vargas, 463 - 3.º andar - Grupo 30L.

## IAPETC

Secretaria do Conselho Administrativo  
Serviço de Divulgação

### ARQUIVOS, CIRCULADORES, MÁQUINAS ETC.

Chamamos a atenção dos interessados para o Edital de Concorrência Pública n.º 12/62 relativo à Aquisição de Arquivos e Ficheiros de App, Ventiladores e Circuladores de Ar, Máquinas de Calcular, Somar e Recrear, publicado no "Diário Oficial" do Estado da Guanabara, Seção I - Parte I, fls. 12.901, de 21 de maio do corrente ano, de acordo com as determinações do Diretor da Divisão de Material.

Ancetura: dia 13/6, às 16 horas, à Av. Graça Aranha, 35, sobreloja.

ARNALDO VIEIRA JUNIOR

Kedator  
Chefe do S.D.

legítimas vivem apertadas e até, prejudicadas, com prestação de contas, a que, segundo me consta, não se obriga a UNE.

## Perigo Para a Juventude

### Juventude

Mais outro testemunho: "Em minhas mãos a consulta de V. Ex.ª a respeito das atividades comunistas da UNE. No momento em que tenho a consulta, o estado-maior desta organização se encontra aqui em... levando ao teatro duas peças em que prega a revolução. O presidente Aldo, em conferência com Dom... sustenta que é cristão, mas, na direção da UNE, tem que seguir a linha do movimento que a mesma adota, o marxismo. E, de fato, insolente. Parece que o Episcopado tem sido demasiado benévolo. Estou do pleno acordo com a denúncia oficial da Igreja à Nação, relativa ao pedido que a UNE representa para a juventude. Acho também que o mal está sendo alimentado indebitamente, com os recursos do povo. Pediria licença a V. Ex.ª para consultar também se seria, ou não, conveniente estimular a criação de uma organização nacional de estudantes, pautada em princípios cristãos. A associação única, como o sindicato único, é responsável pelo mal que se está a lamentar. Esta lembrança, porém, não representa condição para a aprovação que estou dando, sem restrições, à medida sugerida na consulta de V. Ex.ª"

Também propõe ação esta pouco arcebispo: "Quanto à UNE, parece-me que o mais eficiente seria uma boa arregimentação de estudantes católicos (militantes autênticos), no sentido de fazer aquela entidade estudantil realizar suas verdadeiras finalidades".  
Então, para terminar: "Edificado, sempre com o zelo vigilante de V. Ex.ª e com sua humildade, estou disposto a assinar qualquer pronunciamento de V. Ex.ª ou do Episcopado". Porém, basta de citações. Não quero fatigar o paciente ouvinte. Apenas convide-o a colaborar com o Episcopado Brasileiro, no sentido de favorecer a nossa querida juventude no desejável e nobre afã de se preparar integralmente para as lutas e vitórias do futuro".

## Trocaram o Bispo Pelo Juiz

### Pelo Juiz

Queira ouvir ainda este depoimento: "Estou compartilhando das apreensões de V. Ex.ª a respeito da infiltração comunista no meio estudantil. A volante da UNE esteve aqui, com seu teatro. Por influência da JOC, eles abandonaram um pouco os programas comunistas. Substituíam, p. ex., a figura de um bispo escandaloso por um juiz... Um dos membros da diretoria, Alvaro, visitou-me e tentou demonstrar o trabalho, bem que ele e Aldo Arantes estariam fazendo na diretoria, impedindo males maiores.

Declarou que eram orientados por um Padre Vas. S.J. e por um Padre Lage, no Rio. Houve reação na imprensa, assim com transcrições de solidariedade de V. Ex.ª e D. Vicente Seherer. Isso bastou para que Aldo Aran-

## Carros Sem Licença Vão Ser Apreendidos

Os carros que ainda não receberam licença para o corrente ano estão sujeitos à apreensão pelas autoridades do Trânsito. Para seus associados, o Towing Club do Brasil mantém um Departamento de Assistência Administrativa, onde poderá ser regularizada a situação dos carros, mediante pagamento de multa repletora

## Ameaçada a Experiência do Trigo em Pernambuco

RECIFE, 1.º Especial para O GLOBO — Por falta de máquinas apropriadas, talvez seja

O MSU aparece na PUC-Rio se colocando, para os estudantes, como uma alternativa entre os extremismos. Reconhecendo a gestão anterior, portanto, como excessivamente à esquerda do espectro político, mas também sem se coadunar com as organizações de extrema direita do período, como o MAC (Movimento Anticomunista) e o CCC (Comando de Caça aos Comunistas), de modo a reconhecer a si mesmo, então, como um grupo mais ponderado e democrático.

Assim sendo, a partir do momento em que o DCE da PUC-Rio passa a ser dirigido pelo Movimento Solidarista Universitário, a relação do diretório com a UNE se esfria. Para não perder de vista a relação desta pesquisa com o envolvimento dos universitários com o cinema, vale mencionar que a única gestão que se mantém intacta nessa passagem de mandatos do DCE puquiano é a do cineclube, que era um sucesso entre os estudantes de diversos cursos<sup>49</sup>.

Entretanto, como afirmado anteriormente, se a influência da esquerda crescia na UNE e, a partir do programa UNE-Volante, atingia várias universidades espalhadas pelo território brasileiro, na PUC, o aumento de pessoas de esquerda integrando a JUC fez outra organização alcançar uma posição de maior destaque nas disputas eleitorais internas. O livro *Cristãos na universidade e na política* do Pe. José Oscar Beozzo relata que a JUC entre 1960 e 1963 começou a ser procurada pelos estudantes por motivos variados, havia quem a procurasse como um meio para ascender no meio da política estudantil, quem a procurasse como escola de formação política e, claro, quem simplesmente a procurava como um grupo de igreja<sup>50</sup>. Ou seja, o agrupamento estava se tornando cada vez mais plural na sua composição e na própria ideia da utilidade da organização pelos seus membros, que teriam que confrontar-se internamente.

Nesta fase, o movimento passa por uma cisão à sua direita. É o caso, sobretudo no Rio, da formação do "Movimento Solidarista Universitário". **Estas perdas, localizadas sobretudo na "Pontifícia Universidade Católica" do Rio** (grifo meu), parecem ter sido compensadas, em grande parte, pelo sucesso do movimento em outras Faculdades e Universidades.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> DEMOCRATAS VENCEM PLEITO NA PUC. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1962.

<sup>50</sup> BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na universidade e na política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984. p. 68.

<sup>51</sup> *ibid.* p. 69.

Assim sendo, nota-se que a PUC-Rio se diferenciava entre as demais universidades no quesito de distribuição das forças políticas. O que, talvez, possa ser explicado pelo seu corte social. Num período em que o ensino superior no Brasil era bem elitizado, a PUC-Rio era ainda mais elitizada. É no início dos anos 1960, como é possível observar na Figura 7, a seguir, que o Brasil consegue alcançar o número de 100.000 pessoas matriculadas em cursos superiores, quando o total da população já ultrapassava 70 milhões<sup>52</sup>. No entanto, como vimos nas notícias anteriores, mesmo que o movimento estudantil não possuísse um imenso número de militantes, sua atividade era relevante o suficiente para merecer a visita, em sua sede principal, o prédio da UNE, do presidente da república. Luiz Alberto Gomez de Souza cita uma entrevista, da década de 1980, de Vinícius Caldeira Brant, universitário que sucedeu Aldo Arantes na presidência da principal entidade estudantil, em 1962, militante da AP no período, na qual ele relembra o impacto que o movimento estudantil tinha na vida política brasileira, presente em diversos movimentos sociais e capaz de incidir na opinião pública, gerando, também, reações contrárias aos seus posicionamentos e às suas atividades.

A mobilização entre 1960 e 1964 é muito intensa, com a criação dos Centros Populares de Cultura (CPC), ligados à UNE e a grêmios locais; desenvolve-se o teatro universitário; é o ponto de partida, apoiado pela entidade, do que será logo depois o “cinema novo”: há uma participação maciça dos estudantes, em 1963 e começo de 1964, nas campanhas nacionais de alfabetização, impulsionadas pelos dois últimos Ministros da Educação do “pacto populista”, Paulo de Tarso dos Santos e Júlio Sambaqui, e pelo Primeiro Congresso Nacional de Alfabetização e Cultura Popular de outubro de 1963 no Recife, e o Seminário da Alfabetização e Cultura Popular já no início de 1964 na Universidade Rural. Voltaremos mais adiante em detalhes a esse período. O presidente da UNE de 1962, Vinícius Caldeira Brant, em entrevista recente, falava da presença significativa dos estudantes na vida política do país e de como um dirigente da UNE podia dialogar de “igual para igual” com o Presidente da República. Ele afirmava que o “prestígio político do movimento estudantil era muito maior que o peso real dos estudantes na vida brasileira... o que eram cem mil estudantes num país de 50 milhões de habitantes? Não era nada. Mas do ponto de vista da opinião pública era alguma coisa, e do ponto de vista da opinião contrária, da opinião militar, da opinião golpista, era um negócio extremamente irritante”.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> ESTATÍSTICAS do povoamento. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/evolucao-da-populacao-brasileira.html>. Acesso em 16 de agosto de 2024.

<sup>53</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 83.

FIGURA 7<sup>54</sup>:

**QUADRO N. 1**

*Evolução das Matrículas no Ensino Universitário (1950-1970)*

Anos	Total de Matrículas (1.000)	Crescimento Anual (%)	Crescimento Acumulado (1950=100)
1950	52,6	—	100,0
1951	58,8	11,8	118,0
1952	66,6	13,3	126,7
1953	67,5	1,3	128,4
1954	61,4	-9,0	116,8
1955	72,6	18,2	138,2
1956	78,6	8,3	149,6
1957	79,5	1,1	151,2
1958	84,5	6,2	160,6
1959	89,6	6,0	170,4
1960	93,2	4,0	177,2
1961	98,9	6,1	188,1
1962	107,3	8,5	204,0
1963	124,2	15,8	236,2
1964	142,4	14,6	270,8
1965	155,8	9,4	296,2
1966	180,1	15,6	342,5
1967	212,9	18,2	404,8
1968	278,3	30,7	529,2
1969	342,8	23,2	651,9
1970	425,5	24,1	809,2

Fontes: Ministério da Educação e Cultura, *O Ensino no Brasil em 1948-1950*, 1957; *O Ensino no Brasil em 1951-1954*, 1957; *Estatísticas da Educação Nacional*, 1960-1971, 1972.

<sup>54</sup> Ibid. p. 75.

No que tange ao recorte social da PUC-Rio, na entrevista de Margarida de Souza Neves para esta pesquisa, ela afirma que sua sala, do curso de História dessa universidade, era quase toda composta por pessoas advindas de famílias tradicionais da elite brasileira<sup>55</sup>. O mesmo é dito por Lúcia Lippi, que cursava sociologia na mesma universidade, em entrevista para o CPDOC, ela cita colegas como Celina Vargas do Amaral Peixoto, Marina Távora e Maria Helena Taunay como portadoras de sobrenomes tradicionais da alta sociedade<sup>56</sup>.

#### **4 – Divisões na JUC e a criação da AP no início dos anos 1960.**

Como já mencionado no capítulo anterior, a alta hierarquia da Igreja Católica brasileira não se agrada com a união, na UNE, de jucistas e comunistas. O próprio Aldo Arantes foi expulso da JUC. Esse tipo de acontecimento favorece a ala à esquerda da juventude católica a fundar outra organização, que não precisa lidar diretamente com os setores hierárquicos do catolicismo.

Na esteira dessa aliança firmada na UNE entre jucistas e comunistas, é lançado, em outubro de 1961, um documento de Diretrizes da Comissão Episcopal da Ação Católica Brasileira e de Apostolado dos Leigos para a JUC Nacional. Nele, a partir de uma argumentação pautada em ideias teológicas, condena-se tal união. Ao mesmo tempo em que se argumenta na direção de defender a necessidade dos católicos em participar da vida política do país, nas mais diversas camadas sociais, apoiando-se na encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII.

O documento afirma existir na sociedade linhas ideológicas laicizantes ou ateias que tentam minar a importância da religiosidade e, por isso, coloca como fundamental que os fiéis não caiam nesse tipo de perspectiva. Para tal, eles precisam respeitar as determinações da hierarquia da Igreja sem questionamento, acreditando na sua orientação divina. Dessa maneira, recomenda-se que não haja nenhum tipo de aliança com movimentos camponeses como as Ligas Camponesas e nem com partidos políticos de esquerda que se colocam como representantes dos interesses dos operários. Aos católicos preocupados com a classe trabalhadora, seja do campo ou da cidade, recomenda-se que frequentem os grupos ligados à Ação Católica Brasileira que atendem tais setores sociais.

---

<sup>55</sup> NEVES, Margarida de Souza. Entrevista concedida a João Paulo Costa. Núcleo de Memória PUC-Rio, Rio de Janeiro, 6 de maio de 2024.

<sup>56</sup> OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. op. cit.

Já na parte final do documento de diretrizes, que circulou em caráter reservado apenas na JUC e entre os bispos<sup>57</sup>, a mensagem é muito clara:

A começar o ano de 1962, nenhum dirigente jucista poderá concorrer a cargos eletivos em organismo de política estudantil, nacionais ou internacionais, sem deixar os seus postos de direção na JUC. O mesmo se diga, como é evidente, quando se trata de participação ativa em partidos políticos. (DIRETRIZES)<sup>58</sup>

Evidentemente, os jucistas integrados na UNE, convencidos de que estavam no caminho certo, não poderiam manter-se de acordo com essas ordens. De tal modo, isso teria que gerar divisões significativas. O impulso para a criação da Ação Popular acaba por vir justamente daí.

Há uma carta enviada em 14 de março de 1962 por Betinho (Herbert de Souza), que havia ocupado cargos de direção na JUC, para o padre Vaz, na qual ele explica qual é a intenção da criação da Ação Popular através da exposição de um esboço de sua constituição<sup>59</sup>. Betinho, junto de Aldo Arantes, também percorreu o Brasil durante a UNE-Volante, integrando-se às atividades do CPC. Seria um movimento orientado para a superação do capitalismo e do subdesenvolvimento, buscando e emancipação nacional, pautado na ideia de consciência histórica, que já vinha sendo apresentada em resoluções de jucistas, tal qual o Manifesto do DCE da PUC de 1961, citado anteriormente e cuja a influência, futuramente, seria ainda mais intensa em diversos setores católicos em toda a América Latina, principalmente na Teologia da Libertação.

(...)no início de 1962, reuniu-se em Belo Horizonte uma centena de jovens profissionais e estudantes provenientes do jornal Ação Popular da cidade, e de outros centros como o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, tendo sido convidados também alguns intelectuais e políticos, assim como dirigentes da UNE. A ideia de “consciência histórica”, que se encontra no Manifesto da PUC do Rio e nos artigos do Pe. Henrique de Lima Vaz, faz-se presente no esboço ideológico elaborado nessa ocasião: ‘É a consciência que os homens de uma época determinada adquirem em relação às condições concretas nas quais suas exigências de realização humana devem ser assumidas e, em consequência, na direção da história humana dessa época’. Os homens e o mundo se enfrentam:

---

<sup>57</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 189.

<sup>58</sup> O documento está disponível no acervo do arquivo da Província dos Jesuítas na pasta referente a assuntos sobre a JUC e a AP.

<sup>59</sup> Tive acesso a essa carta a partir de um material reunido pelo padre Pedro Américo Maia SJ, que juntou documentos relativos ao Padre Vaz na intenção de escrever um livro que teria como título *Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ (1921-2002): Um pensador sereno, batalhador aguerrido... e um homem de contemplação*. No entanto, o padre Pedro Américo não conseguiu publicar o seu trabalho, mas ele pode ser encontrado na pasta referente ao Padre Vaz, no arquivo da Província dos Jesuítas.

num primeiro momento seria a oposição; logo viria o reconhecimento mútuo, que se poderia constituir em termos de dominação, com o mundo servindo como instrumento de imposição de uma consciência sobre outra, ou de reconciliação (ou libertação), quando o mundo se tornasse um instrumento de comunicação das consciências. O sentido da história vai na direção do movimento de libertação. O esboço tenta elaborar um esquema do processo dialético da reação na sociedade entre um pólo dominante e um pólo dominado, ainda que, pelo seu caráter preliminar, o faça simplificadamente. Consciência histórica, dominação, libertação, ideias que voltarão tantas vezes nos anos seguintes. A última será um dos eixos do pensamento teológico novo na América Latina, no futuro. (SOUZA, p. 198)<sup>60</sup>

Desse modo, a AP, que só se consolidou, de fato, em março de 1963<sup>61</sup>, abrangeria diversos setores de atuação, mais ou menos organizados como a própria Ação Católica e seus vários braços. O esboço de sua constituição também faz críticas à forma como a democracia brasileira era organizada e afirma que os partidos políticos estão falidos enquanto instrumentos de promoção do povo. O intuito era que essa constituição inicial fosse amplamente debatida para chegar-se numa definitiva, mas já assegurar os compromissos revolucionários e ideológicos da AP de antemão.

O próprio Padre Vaz, embora aconselhasse os jovens entusiastas da AP, não se filiou ao grupo. Segundo Luiz Alberto Gómez de Souza, para o Padre Vaz, "o cristianismo não propõe um ideal histórico - ele não se deixa degradar em ideologia".<sup>62</sup> O jesuíta, em entrevista cedida a João Pombo Barile, quando perguntado acerca de uma juventude católica marxista dos anos 1960 responde:

(...) acho inadequada a expressão juventude católica marxista. Na verdade o que houve foi uma abertura para o campo político, inspirada por ideias esquerdistas da JUC, para quem dei uma espécie de assessoria. Mais tarde, alguns membros da JUC evoluíram para o marxismo-leninismo, formando a Ação Popular (AP), que depois se integrou ao Partido Comunista do Brasil. Nessa evolução não tive nenhuma participação. Nunca fui membro da AP. Simplesmente era amigo de alguns jovens que às vezes iam me procurar, fazer perguntas, discutir problemas. De maneira alguma participei da fundação nem fui membro da AP.

---

<sup>60</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 198.

<sup>61</sup> Ibid p. 199.

<sup>62</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*. op. cit. p. 68.

Eu chamei a atenção dos jovens para o fato de que a ideologia marxista, além de ter fundamentos filosóficos opostos ao cristianismo, era totalmente inadequada para a situação brasileira da época. (VAZ apud MAIA)<sup>63</sup>

Ainda que haja certa autoproteção do Padre Vaz que, tendo enfrentado diversos problemas e conflitos no interior da Igreja Católica brasileira, não pode simplesmente se colocar publicamente como artífice de uma organização revolucionária de esquerda e nem defender o marxismo ou o comunismo como uma alternativa para o Brasil, de fato não parece haver, por parte dele, uma adesão completa a ambos. Como filósofo, é certo que ele pode ter aderido a conceitos desenvolvidos por marxistas, mas sem se colocar como alguém orientado pelo marxismo.

O Padre Vaz era alvo de perseguições e de investigações por pares no interior da Igreja Católica. Há documentos que o colocam como mentor da esquerda cristã estudantil, alinhada com os comunistas. Inclusive num relatório escrito sobre o XXV Congresso da UNE, realizado em 1962 em Petrópolis, que circulou entre a hierarquia da Igreja, existe a denúncia da existência de um suposto "Esquema do Padre Vaz" que visaria um acordo entre a esquerda cristã e os comunistas para isolar politicamente os jucistas que não estavam alinhados com tal perspectiva.

O já citado neste trabalho, Gustavo Corção, era um leigo, por exemplo, que também denunciava o Padre Vaz como agente comunista, linha auxiliar do PCB no interior da Igreja. No Diário de Notícias de 4 de junho de 1966, já na vigência da Ditadura Militar, há um artigo de Corção chamado *Os que apregoam o diálogo* criticando a revista *Vozes* por estar dominada pela esquerda por publicar mais artigos do jesuíta do que dele, respondendo às supostas deturpações esquerdistas da doutrina cristã.

Vale apontar também que esse desdobramento apontado pelo Padre Vaz da AP para o marxismo-leninismo e para o PCdoB não é imediato. Inicialmente a AP adota uma postura de defender a ruptura revolucionária com o capitalismo, mas sem aderir ao socialismo real soviético e também criticando o PCB, visto como excessivamente reformista. Defendia o possível uso da violência revolucionária na etapa de transição do capitalismo para o socialismo e da ditadura do proletariado na forma de um partido ou outro órgão similar, mas sem copiar modelos do leste europeu. A questão fundamental

---

<sup>63</sup> Tive acesso a essa entrevista a partir de um material reunido pelo padre Pedro Américo Maia SJ, que reuniu documentos relativos ao Padre Vaz na intenção de escrever um livro que teria como título *Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ (1921-2002): Um pensador sereno, batalhador aguerrido... e um homem de contemplação*. No entanto, o padre Pedro Américo não conseguiu publicar o seu trabalho, que está disponível apenas na pasta referente ao Padre Vaz no arquivo da Província dos Jesuítas.

para a AP em seus anos iniciais era defender uma forma de poder popular, ou seja, ampliar a possibilidade de instauração de um socialismo o mais democrático e humanista possível<sup>64</sup>. A adesão ao marxismo-leninismo e ao PCdoB se dá apenas após o golpe de 1964 e o recrudescimento da ditadura militar, quando várias organizações da esquerda brasileira acabam, embora fragmentadas, também, por optar pela luta armada como alternativa para a disputa pelo poder político.

Se há um certo paralelismo entre a reflexão da JUC (...) e a da Ação Popular de 63-64, ambas trabalhando dentro dos marcos da ideia de consciência histórica; se frequentemente houve dupla militância e se vários dirigentes da AP eram ex-jucistas, os caminhos vão se separando aos poucos - a primeira tratando de desempenhar seu papel de movimento de Igreja, a segunda num compromisso cada vez mais concreto durante o “pacto populista” e, mais tarde, na experiência de clandestinidade. Como dissemos, depois de 1964 a AP sofrerá uma forte inflexão ideológica, primeiro com a influência de Althusser, em torno a 1966 e mais adiante numa linha maoísta.<sup>65</sup>

## **5 – Hipóteses acerca das questões ideológicas que se expressam nas produções artísticas da UNE-Volante em conjunto com o CPC**

Como afirmado nos capítulos anteriores, a partir do mandato de Aldo Arantes na UNE, iniciou-se um processo de viagens ao redor do Brasil para publicizar as ideias a favor das reformas de base e da necessidade da transformação da realidade social brasileira, o que ficou conhecido como UNE-Volante. Um dos principais instrumentos de militância, nesse período, foi a produção artística. Através da música, do teatro, da poesia e do cinema, por exemplo, buscava-se amplificar os debates e o esclarecimento acerca das contradições sociais brasileiras, na intenção de conseguir superá-las. Este é o contexto de formação do Centro Popular de Cultura (CPC).

Isso dialoga diretamente com o que foi falado na introdução deste trabalho, ao citar jovens urbanos de boas condições financeiras que viajavam para regiões interioranas do país em busca de realizar produções artísticas ou se engajar em programas de alfabetização. O filme *Cabra Marcado para Morrer* surge desta conjuntura. Nas viagens da UNE-Volante, membros do CPC puderam ter maior contato com movimentos como as Ligas Camponesas e souberam da história de João Pedro Teixeira, líder camponês

<sup>64</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Ponteio; Educam, 2015. p.82.

<sup>65</sup> SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984. p. 207.

assassinado a mando de latifundiários. Resolveram, por conseguinte, realizar um filme contando esse episódio com a participação dos camponeses organizados como atores, de modo que eles participassem diretamente da produção.

A conjuntura de formação do CPC, todavia, não estava restrita ao movimento estudantil. As esquerdas do período também debatiam internamente de que forma produziriam obras de arte engajadas. Muitas vezes chamado de sectário, o CPC, pelo menos num primeiro momento, optou por instrumentalizar politicamente a arte, dando principal atenção ao seu caráter didático. Isso fica mais claro nos embates com outro movimento de jovens artistas que surgia no período, o Cinema Novo, cuja a história está totalmente entrelaçada com o CPC. Pois surgem quase concomitantemente, com muitos artífices tendo passado ou orbitado pelos centros, como o já citado Glauber Rocha e como outro ex-aluno da PUC-Rio, Carlos Diegues, que evidencia as diferenças entre os projetos, ao mesmo tempo que deixa claro que a identidade de um foi criada, de certa forma, para diferenciar-se do outro.

Acontece que, da ideia de uma cultura nacional-popular, a posição hegemônica dentro do CPC evoluiu para uma instrumentalização da cultura como braço da luta política. Melhor dizendo: instrumentalização da arte como braço cultural da luta política. Na verdade, a posição hegemônica do CPC ignorava algumas qualificações do produto artístico que para nós eram fundamentais, porque trazíamos toda a ideia vigente, sobretudo na Europa, de um cinema de autor, de vanguarda formal, numa tentativa de revolução formal.<sup>66</sup>

Essa dificuldade na conciliação de pensamento entre os cinemanovistas e os cepecistas aparece relatada em muitas fontes. No prefácio do livro *O melhor teatro do CPC da UNE: parte I*, por exemplo, Fernando Peixoto, ex-diretor do Instituto de Teatro da Fundação Nacional de Artes Cênicas do Ministério da Cultura e autor de diversos livros sobre teatro, afirma que Glauber Rocha, por ter o sonho de ser um artista grande e consagrado, não conseguia se adaptar a um grupo que não buscava fundamentalmente méritos estéticos, mas sim resultados educacionais e políticos (PEIXOTO, p. 17)<sup>67</sup>.

Sobre o tipo de arte produzida pelo CPC, a maioria dos estudiosos utiliza o texto do Anteprojeto do Manifesto do Centro Popular de Cultura, de 1962 e atribuído a Carlos Estevam Martins, o primeiro presidente da organização, como fonte. Este documento é visto como excessivamente sectário e panfletário na sua noção de construção de um produto artístico. É válido afirmar que, sociólogo de formação, Estevam não era

<sup>66</sup> BARCELLOS, Jalusa. op. cit.

<sup>67</sup> PEIXOTO, Fernando. *O melhor teatro de CPC da UNE: parte I*. São Paulo: Global, 1989.

propriamente um artista e nem tinha pretensões de tal. Sua principal preocupação era, de fato, a militância política. Após aprofundar-se na pesquisa, contudo, fica claro que dentro do CPC não havia total coesão entre as formas de compor uma obra de arte e nem de organização, havendo debates e disputas internas. Houve sucessão na presidência cepecista, posteriormente dirigida por Carlos Diegues, por um breve momento, e seguido por Ferreira Gullar, que estava no cargo na ocasião da dissolução dos Centros após o golpe de 1964 e o incêndio no prédio da UNE.

Na prática, a ação cultural se antecipava e/ou contrapunha à estruturação organizacional, de tal modo que ao longo dos seus poucos meses de existência o CPC da UNE teve diferentes cronogramas (GARCIA, 2007). No período em que Carlos Estevam Martins esteve na direção (dezembro de 1961 a dezembro de 1962) foi defendido que o CPC "funcionasse como uma empresa, sem fins lucrativos, é claro; mas como empresa", como ele recorda em um texto publicado em 1980. Vianinha, que já havia rompido com o Arena por se opor ao modelo empresarial, não aceitava. Durante o período de Martins na direção há registros de conflitos abertos entre eles (MORAES, 2000). O acirramento das disputas sobre o modo de organizar a produção da cultura popular, bem como as disputas teóricas sobre a própria produção da cultura popular (...) levou ao desgaste de Martins, que foi substituído na Presidência do CPC (...).<sup>68</sup>

Deve-se dizer que grande parte dos integrantes do CPC eram ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que, mais uma vez, demonstra certa coesão entre os comunistas e a esquerda do movimento estudantil organizado católico, já que a UNE e o Centro Popular de Cultura trabalhavam de forma conjunta, embora autônoma. Em entrevistas, no entanto, os membros do PCB e do CPC deixam claro que não havia muita interferência partidária no que tange ao conteúdo das obras, havia um respeito à autonomia dos artistas desde que, é claro, não expressassem ideias direitistas ou reacionárias e não fossem diretamente contrárias às diretrizes tiradas em congresso. Nas palavras de Carlos Nelson Coutinho, um dos principais intelectuais marxistas do Brasil e que, naquele tempo, era militante do PCB:

Se a gente não se metesse em política, [a direção] também não se metia em cultura. Então, você podia defender o que quisesse, tropicalismo ou não, contanto que não dissesse que a luta armada era a solução, ou que Lênin estava superado, que a União Soviética era uma merda. Se você não falasse nisso, acho que ninguém lhe aborrecia. O que explica, ao meu ver, o fato de que só saiu

---

<sup>68</sup> MISOCZKY, M. C. . Rememorando a Organização e Práxis dos Centros Populares de Cultura. In: EnEO, 2012, Curitiba. Anais do EnEO 2012, 2012.

naquele momento do PC quem discorda da linha política. Ninguém saiu do PC porque foi impedido de se expressar culturalmente.<sup>69</sup>

O que apareceu como hipótese possível, a partir da leitura dessas fontes, e que necessita uma pesquisa mais aprofundada, foi que, fortemente influenciada pela Revolução Cubana e animada com sua perspectiva, a juventude universitária de esquerda organizada, tanto católica, quanto comunista daquele período contava com uma esperança voluntarista que dava à arte uma centralidade no projeto de conscientização popular no sentido revolucionário. Já foi citado, anteriormente, como um manifesto de apoio à Cuba foi o pivô de uma tensão entre os jovens e o alto escalão da Igreja Católica. Se Che Guevara era o herói, apresentando ao mundo a teoria do foco guerrilheiro e, conseqüentemente, da luta armada como caminho para a libertação dos então chamados países do terceiro mundo, no Brasil, tendo em vista que as interpretações majoritárias na esquerda eram contrárias aos projetos armados no período anterior à ditadura militar, parte considerável da juventude parece ter dado para a arte o papel de iniciar focos de conscientização que se alastrariam como uma bola de neve pelos quatro cantos do país. Essa esperança no papel da arte fica clara na fala de vários entrevistados que participaram da luta política naquele período.

Estávamos de tal modo convencidos de que iríamos construir um mundo melhor, que nem alimentávamos dúvidas: no dia seguinte o mundo seria feliz e risonho graças aos nossos filmes, peças etc. Então, isso implicava uma responsabilidade tão grande que a vida privada deixava de existir. A escrita privada e a vida pública tinham se tornado um só universo. [...] O trabalho cotidiano e até mesmo as ideias já não nos pertenciam, e sim à comunidade que participava daquilo.<sup>70</sup>

No entanto, não se trata, apenas, de levar arte para o povo, quando o assunto é o CPC. Se nos atentarmos ao que foi dito anteriormente sobre a UNE-Volante, o objetivo não era apenas mostrar o que se fazia emulando um cenário de autor ativo e espectador passivo. O propósito era difundir células e democratizar a possibilidade de autoria por diversos territórios que, como algumas fontes apontam, atuavam com autonomia com relação às outras. Desse modo, se a crença é na arte como uma ferramenta de alto potencial revolucionário, não haveria nada de mais efetivo do que o alastramento de artistas com preocupações sociais por todo o Brasil. Isso vinha acompanhado, também, de campanhas pela alfabetização que chegaram a atuar conjuntamente com o Movimento

---

<sup>69</sup> RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2014. (versão para o Kindle)

<sup>70</sup> *ibid.*

de Cultura Popular (MCP), projeto de Arraes em Pernambuco que possibilitou o desenvolvimento e a aplicação das técnicas de Paulo Freire. Vale lembrar que, naquele período, os analfabetos não podiam votar e o projeto majoritário da esquerda para o país passava pelas eleições, o que também fica claro no forte e declarado apoio dado ao governo João Goulart e às suas reformas.

Nesse aspecto de formação de novos artistas pelo país, a estratégia dos jovens daquele período parece com as formulações de Walter Benjamin sobre o autor enquanto produtor<sup>71</sup>. Para o autor alemão, quando os escritores estavam conseguindo espaço nas editoras com a publicação de romances socialistas, sem questionar o modo de produção dos livros, eles conseguiam ser perfeitamente absorvidos pelo sistema burguês que se adaptava e lucrava com aquele conteúdo que acabava por se tornar inofensivo, apenas estetizante e gerador de entretenimento. Desse modo, o salto fundamental para os autores seria, a partir de suas obras, conseguir gerar outros autores, ensinar o processo e generalizar a possibilidade de criação. No prefácio do livro *CPC: uma história de paixão e consciência* de Jalusa Barcellos, o dramaturgo Paulo Pontes afirma como o Vianinha, um dos líderes do CPC, autor de diversas peças apresentadas pelo grupo e também renomado ator de cinema, apesar de ter tido uma carreira curta pela morte precoce, era hábil na arte de transmitir para as pessoas da plateia a certeza de que elas também seriam capazes de escrever sobre suas próprias realidades<sup>72</sup>.

Isso também fica claro a partir do que dizia o poeta Ferreira Gullar, no período em que estava na presidência do CPC, a partir da leitura do livro de Miliandre Garcia, *Do teatro militante à música engajada: A experiência do CPC da UNE (1958-1964)*:

No relatório de 1963, a concretização do movimento de cultura popular dependia da atuação "para" e, sobretudo "com" os grupos sociais porque este último aspecto parecia, nessa ocasião, "o mais importante enquanto eficácia, formando junto aos grupos sociais, com os grupos sociais, núcleos de cultura popular em que o povo deixa de ser recebedor de cultura e assume o papel de criador."

No livro *Cultura posta em questão*, escrito na primeira metade dos anos 1960, Ferreira Gullar afirmou que a conscientização da massa assumida pelo CPC tinha como objetivo transformá-la em produtora de cultura popular (...).

---

<sup>71</sup> BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>72</sup> BARCELLOS, Jalusa. op. cit.

Vinte anos depois, em 1985, Ferreira Gullar ratificou essa posição dizendo que "o CPC não tinha visão paternalista de que o povo não cria nada, mas permanece passivo à espera do CPC. Ele queria fazer arte para e com o povo".<sup>73</sup>

É difícil dizer que os artistas que compunham o CPC tenham tido acesso à leitura de textos de Walter Benjamin durante o período em questão nesta pesquisa, ou seja, pré-1964. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*<sup>74</sup>, um dos principais e mais difundidos textos do autor, por exemplo, só foi traduzido para o português em 1969. O professor da Unicamp, Renato Ortiz, afirma que a revista *Civilização Brasileira* publicou um artigo de Adorno e outro de Benjamin em 1968, traduzidos por Fernando Peixoto e Carlos Nelson Coutinho<sup>75</sup>. No entanto, Marcelo Ridenti relata, no livro *Em busca do povo brasileiro*, que ao questionar Nelson Pereira dos Santos, cineasta que é uma espécie de precursor do Cinema Novo, obteve como resposta que Leon Hirszman era um ávido leitor de Benjamin. Leon tinha como uma de suas características cruciais o fato de compor tanto com a turma cinemanovista como com a do CPC, não tendo se desligado de nenhuma.

Quando questionei Nelson Pereira sobre as discussões mais estritamente políticas entre os cineastas, a resposta foi que Leon Hirszman era o mais politizado: "O Leon era o dínamo da coisa. Ele tinha realmente a grande formação". (...) "Agora, o Leon era mais Walter Benjamin que Marx.(...) Walter Benjamin, o Leon botou para a gente."<sup>76</sup>

As ligações entre Hirszman e Benjamin aparecem em outras fontes. No livro *Leon Hirszman: o navegador das estrelas*, de Helena Salem, autora de alguns livros sobre cinema, há um capítulo inteiro dedicado ao intelectual alemão e seus cruzamentos de pensamento com as obras e com as palavras do cineasta brasileiro, além da menção da origem judaica de ambos. Os aspectos românticos da teoria benjaminiana parecem encaixar com as esperanças voluntaristas daquela geração de artistas engajados.

Benjamin incorporou o marxismo ao seu pensamento, mas foi "incapaz de tomar uma decisão entre a metafísica e o materialismo", "oscilando a sua simpatia por uma teoria mística da linguagem e a necessidade tão fortemente sentida de combatê-la no contexto de uma visão marxista do mundo". Nele, "utopia, anarquismo, revolução e messianismo estão alquimicamente combinados [...]"

<sup>73</sup> GARCIA, Miliandre. *Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 48.

<sup>74</sup> BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012.

<sup>75</sup> ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

<sup>76</sup> RIDENTI, Marcelo. op. cit. p.1482.

constituindo uma figura-de-pensamento singular e única" - sustenta Michael Lowy. Benjamin empenhou-se assim na "busca do ponto de convergência possível entre messianismo judaico e internacionalismo proletário, crítica romântica da civilização burguesa e humanismo esclarecido". (SALEM, p. 69)<sup>77</sup>

A hipótese que surge, e que precisa ser melhor trabalhada e pesquisada, é que a chegada do pensamento do autor alemão sobre esses artistas e intelectuais pode ter causado uma identificação tão grande, que fica difícil distinguir as coisas quando se apela somente à memória. Ao que parece, o impacto de Benjamin na vida de Leon Hirszman, por exemplo, foi tão forte que após esse contato, ficou aparentando que as ideias do filósofo sempre estiveram lá, mesmo que latentes. Pode ter acontecido uma espécie de chancela teórica, ao perceber que o que se fazia, ou se pretendia fazer, estava em consonância com o que dizia um importante autor da tradição marxista e frankfurtiana. Desse modo, seria válido pontuar como poderia haver um casamento entre o romantismo revolucionário do período, muito influenciado pela vitória cubana, e essa construção de um aparato difusor de arte e de artistas que fosse capaz de influenciar decisivamente a trajetória política brasileira.

Várias circunstâncias históricas permitiram o florescimento de diversas versões do romantismo revolucionário a partir do final da década de 1950. No plano internacional, foram vitoriosas ou estavam em curso revoluções de libertação nacional, algumas marcadas pelo ideário socialista e pelo papel destacado dos trabalhadores do campo, por exemplo, a revolução cubana de 1959, a independência da Argélia em 1962 e outras, além da guerra anti-imperialista do Vietnã, lutas anticoloniais na África etc. O êxito militar dessas revoluções é essencial para entender as lutas políticas e o imaginário contestador nos anos 1960: havia exemplos vivos de povos subdesenvolvidos que se rebelavam contra as potências mundiais, construindo pela ação as circunstâncias históricas das quais deveria brotar o homem novo. (RIDENTI, p. 423)<sup>78</sup>

A professora, autora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, num livro com muitas críticas às estratégias cepecistas levanta a mesma referência a Walter Benjamin para pensar as obras do CPC no campo estético, concluindo que, por apelarem para a simplificação da linguagem, estariam aquém na sua capacidade transformadora, embora a autora não trate da temática de como o CPC foi capaz de se alastrar e, em pouco tempo, contar com sedes em várias cidades brasileiras. Talvez isso se dê pelo fato dela se conter na análise apenas de poesias. Ela também utiliza o texto *O autor como produtor*:

<sup>77</sup> SALEM, Helena. *Leon Hirszman: o navegador das estrelas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>78</sup> RIDENTI, Marcelo. op. cit. p. 423.

*conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934*<sup>79</sup> para construir seu argumento, o que fica mais claro em passagens como esta:

A função política da obra - sua eficácia revolucionária - não deve, então, ser procurada nas imprecisões que dirige ao sistema ou em sua autoproclamação como obra de transformação social, mas, antes, na técnica que a produz - na conformação ou não dessa técnica às relações literárias de produção estabelecidas. (HOLLANDA, p. 32)<sup>80</sup>

Com tudo isto, podemos ter um pouco da noção de como a juventude do início dos anos 1960, organizada em diferentes meios, como o movimento estudantil, ou em projetos artísticos coletivos, conseguia confluir num debate que os circundava em maior escala pelos próprios conflitos que o país passava naquele período de acirramento da Guerra Fria e de forte movimentação popular em prol das Reformas de Base. A postura de defesa das reformas estava de acordo com o projeto na época representado, principalmente, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, no governo, mas também era adotada pelo PCB. Ao mesmo tempo, vemos a organização da reação direitista em diferentes meios, que se expressava nas universidades e em jornais de grande circulação como *O Globo*, por exemplo, além da expulsão jovens de esquerda de suas organizações juvenis, como fez a Igreja Católica com Aldo Arantes. Esses movimentos dentro da dinâmica social tratavam de buscar frear as ofensivas do governo de João Goulart a partir de movimentações em consonância com a política externa dos EUA que terminou por resultar no golpe de Estado de 1964.

Essa discussão acerca da memória, na qual o autor alemão Walter Benjamin aparece como uma presença de peso na teorização do fazer artístico a partir de meados dos anos 1960, segundo a entrevista de Nelson Pereira dos Santos realizada por Ridenti, mas que só poderia se tornar realmente uma influência a partir dos anos 1970, por conta do momento da tradução de suas obras está longe de se esgotar. Penso que o trabalho do autor francês Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento* (2007)<sup>81</sup> será valiosa para a incrementação deste debate. Outro aspecto que surge dessa discussão está no debate acerca da obra de Jacques Le Goff, que em seu verbete *Memória/História* (1984)<sup>82</sup>

<sup>79</sup> BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934*. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>80</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

<sup>81</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

<sup>82</sup> LE GOFF, Jacques: "Memória". IN: *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984]. Enciclopédia Einaudi. Vol 1. pp. 11 a 50.

trata da plasticidade da memória e no seu caráter móvel. Contudo, ainda não tive tempo de avançar devidamente no estudo desses temas. Consequentemente, trata-se de mais uma possibilidade de avanço aberta a partir do início desta pesquisa, algo que surgiu de modo surpreendente se comparado às expectativas e às hipóteses iniciais.

## 6 - Conclusão

O Golpe de 1964 colocou muitos dos nomes aqui citados na clandestinidade e tratou de fechar os CPCs, que estavam em vias de construir um grande teatro dentro do prédio da UNE na cidade do Rio de Janeiro, que terminou incendiado. A JUC termina suas atividades em 1968 e muitos dos que passaram pelas suas fileiras anteriormente, ou da JEC, como é o caso de Raul Amaro, estudante que hoje nomeia o DCE da PUC-Rio, onde cursava engenharia e filiou-se ao MSU, sofreram com a repressão e com a tortura. No caso de Raul, tendo chegado ao extremo de ter sido assassinado pelo regime, após aderir à luta armada<sup>83</sup>. O modo como se deu o desfecho das histórias aqui contadas torna-se, portanto, até mais difícil de avaliar, no que tange à descoberta de qual seria o caminho das experiências aqui estudadas, já que seu fim abrupto adiou as conclusões, talvez, de forma definitiva.

O que fica, no entanto, é o discurso final de Elizabeth Teixeira no fim do longa-metragem *Cabra Marcado para Morrer (1984)*, de Eduardo Coutinho. O filme, como mencionado na introdução, originalmente, trataria de encenar episódios da vida de João Pedro Teixeira, liderança camponesa assassinada a mando de um latifundiário na Paraíba, no contexto da luta pela reforma agrária, e teria sido idealizado a partir das viagens do CPC junto com a UNE-Volante. Todavia, acabou interrompido pelo golpe, que perseguiu vários dos envolvidos com a obra. Terminado anos depois, não mais como obra de ficção, mas como um documentário. Coutinho, já na conjuntura da Abertura, no final do regime militar, mostra o material bruto que conseguiu escapar da destruição por parte do exército para os atores da trama, todos camponeses, e busca, concomitantemente, reunir a família Teixeira, dramaticamente separada por causa do contexto político.

O reencontro dessa família em frangalhos é como uma alegoria do Brasil após vinte anos de ditadura, um país destruído pela violência e pela crise, por causa de um regime que aprofundou as desigualdades sociais e adiou em muito tempo o sonho de

---

<sup>83</sup> RAUL Amaro Nin Ferreira. Memorial da Resistência de São Paulo. Disponível em: <https://memorialdarestenciassp.org.br/pessoas/raul-amaro-nin-ferreira/> . Acesso em 16 de agosto de 2024.

edificar uma sociedade mais justa. Vale dizer que, dentre os filhos e as filhas do casal Teixeira, o que pôde melhor explorar suas potencialidades, sem ter que encarar uma realidade de muita miséria, foi o que se mudou para Cuba para estudar e tornou-se médico. Se desde antes já havia, regularmente, o assassinato das lideranças populares, a partir da deposição de Jango, houve um aprofundamento dessa barbárie, que se incorporou de vez às políticas de Estado, a partir de grupos de extermínio e das próprias forças armadas que torturavam, sistematicamente, os opositores do regime. O discurso final de Elizabeth, recolocando as palavras de ordem e a luta do povo contra a opressão do capital e a favor do alargamento da democracia brasileira faz, todavia, a ligação perfeita com as batalhas anteriores. Ela evoca o romantismo daquela geração que, muitas vezes, parecia ter a certeza que estava construindo um projeto vencedor. Para eles, a repressão não teria, jamais, uma vitória definitiva, pois esta pertenceria aos movimentos populares organizados que, um dia, haveriam de alcançá-la. Nas palavras dela:

A mesma necessidade de 64 está tratada. Ela não fugiu um milímetro. A mesma necessidade está na fisionomia do operário, do homem do campo e do estudante. A luta que não pode parar. Enquanto existe fome e salário de miséria, o povo tem que lutar. Quem é que não luta por melhores dias de vida? Tem que lutar! Quem tem condições né... quem tiver sua boa vida, que fique aí né... Eu como venho sofrendo, eu tenho que lutar (...). É preciso mudar o regime, é preciso (...) enquanto tiver esse regimzinho, essa democraciazinha aí. Democracia sem liberdade? Democracia com salário de miséria e de fome? Democracia com o filho do operário e do camponês sem ter o direito de estudar? (TEIXEIRA apud COUTINHO, 1984)<sup>84</sup> [35]

O romantismo revolucionário serviu como um poderoso combustível para aquela geração que, a partir de uma posição dotada de uma confiança semelhante à fé - não por acaso muitos daqueles jovens vieram das fileiras das juventudes católicas - buscou transformar radicalmente a realidade brasileira aliando-se às demandas e às lutas de diversas organizações da classe trabalhadora do campo e da cidade.

E essa busca, sabe-se, não foi totalmente paralisada pela ditadura militar e, no final dela, assumiu novas formas capazes de causar impacto relevante nos horizontes políticos nacionais. As Comunidades Eclesiais de Base, que tiveram uma atuação notória na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e na organização de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), contam com uma grande influência da prática militante dos jovens católicos da JUC. Algumas alianças, no campo

---

<sup>84</sup> CABRA marcado para morrer. op. cit.

individual, também se mantiveram, mesmo com as dificuldades causadas pelo golpe e pela repressão. É o caso de Aldo Arantes, já totalmente integrado ao PCdoB, mas que apelou ao seu velho amigo dos tempos de JUC, padre Henrique de Lima Vaz, para que pudesse retornar à PUC-Rio, em 1980, finalizar os seus estudos e formar-se em direito, já anistiado. Essa saga, entre várias outras, é contada no livro de memórias de Aldo, *Alma em fogo: memórias de um militante político* (2013)<sup>85</sup>.

## 7- Referências Bibliográficas

- ALAOR, Barbosa. *Cristianismo redivivo*. O Metropolitano, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1962. p.17.
- ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.
- ARANTES, Aldo. *Alma em fogo: memórias de um militante político*. São Paulo: Anita Garibaldi: Fundação Maurício Grabois, 2013.
- ARAÚJO, Maria Paula. *Memórias estudantis 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil (1961-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- BARCELLOS, Jalusa. *CPC: uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934*. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na universidade e na política*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984.
- BRAGA, Livia Ribeiro Barboza de Araújo. *A juventude universitária católica e a ditadura civil-militar brasileira: dos "ventos de abertura" aos "atos de fechamento" (1964-1968)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do

---

<sup>85</sup> ARANTES, Aldo. *Alma em fogo: memórias de um militante político*. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2013.

Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2021.

CABRA marcado para morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Mapa Filmes do Brasil.

Rio de Janeiro: Gaumont, 1984.

COMUNISTAS TENTARAM PERTURBAR A VISITA DO PRESIDENTE À UNE. O Globo, Rio de Janeiro. 25 de setembro de 1961.

CUNHA, Homero da. *Semana social movimentada a católica*. O Metropolitano, Rio de Janeiro, 2 e 3 de abril de 1961. p.52.

DEMOCRATAS VENCEM PLEITO NA PUC. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1962. p.17.

DIRETÓRIOS DA PUC NÃO APOIAM MANIFESTAÇÃO A FAVOR DE FIDEL. O Globo,

Rio de Janeiro. 27 de abril de 1961. p.15.

ESTATÍSTICAS do povoamento. IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/evolucao-da-populacao-brasileira.html>. Acesso em 16 de agosto de 2024.

FERREIRA, Jorge. *O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964*. In: FERREIRA, Jorge;

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano 3: o tempo da experiência democrática, da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GARCIA, Miliandre. *Do teatro militante à música engajada: a experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

INQUIETA OS ARCEBISPOS A AÇÃO SUBVERSIVA DA UNE, REVELA O CARDEAL

D. JAIME. O Globo, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1962. p.2.

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1979.

- LE GOFF, Jacques: Memória. In: LE GOFF, Jacques. *Memória–História*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, [1984]. Enciclopédia Einaudi. Vol 1. p. 11-50.
- MISOCZKY, M. C. *Rememorando a Organização e Práxis dos Centros Populares de Cultura*. In: VII ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 2012. Curitiba. Anais do EnEO 2012. Curitiba: ANPAD, 2012.
- NEVES, Margarida de Souza. Entrevista concedida a João Paulo Costa. Núcleo de Memória PUC-Rio, Rio de Janeiro, 6 de maio de 2024.
- OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. Lúcia Maria Lippi Oliveira II (depoimento, 2009 / 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV), (8h 20min).
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PEIXOTO, Fernando. *O melhor teatro de CPC da UNE: parte I*. São Paulo: Global, 1989.
- PIERDONÁ, Enedina; FURLANETO, Isoleide; SOUZA, João Oliveira. *Subsídios 2: pastoral da juventude: História da PJ no Brasil*. Porto Alegre: IRJ - Instituto de Pastoral de Juventude, 1990.
- PROTESTO CONTRA O MANIFESTO ATRIBUÍDO AOS ALUNOS DA PUC. O Globo, Rio de Janeiro. 25 de julho de 1961. p. 3.
- RAUL Amaro Nin Ferreira. Memorial da Resistência de São Paulo. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/raul-amaro-nin-ferreira/>. Acesso em 16 de agosto de 2024.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2014. (versão para o Kindle).
- SÁ, Karolina Kneip de. *Ação Popular do Brasil: da JUC ao racha de 1968*. Recife, 2015. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- SALEM, Helena. *Leon Hirszman: o navegador das estrelas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SEMANA SOCIAL DA PUC DO RIO ENCERROU-SE REUNINDO OPERÁRIOS E ESTUDANTES. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de março de 1961. p.7.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Um andarilho entre duas fidelidades: religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Ponteio: Educam, 2015.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC: os estudantes católicos e a política*. Petrópolis, RJ:

Editora Vozes, 1984.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *O manifesto dos universitários da PUC, uma "vária" do*

*"jornal do comércio" e um artigo do sr. Gustavo Corção*. *O Metropolitano*, Rio de Janeiro, 25 e 26 de junho de 1961. p.86.